

Trilogia do tempo

Doc Comparato
Michelangelo

teatro



Trilogia do tempo

Doc Comparato
Michelangelo

teatro



SGAE – N°10.590.502 © REG N ® 823008819

Michelangelo

Peça de teatro em dois atos

Uma peça de teatro de Doc Comparato ©

Peça teatral da trilogia do tempo

DC/Barcelona/1996

Copyright Warning

The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.

You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.

Advertência

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE (Brasil) – Site: <http://www.sgae.es>

E-mail: v.santiago@sgae.com.br

ABRAMUS – Site: www.abramus.org.br

E-mail: guilherme.amaral@abramus.org.br

Edição digital: junho 2013

ISBN: 978-85-8245-052-9

Arquivo ePub produzido pela [Simplíssimo Livros](http://www.simplissimo.com.br)

Sobre a trilogia

OS PRISIONEIRO DO TEMPO

“**Mighelangelo**” é a segunda peça de uma trilogia teatral - “OS PRISIONEIRO DO TEMPO”, por mim concebida.

A primeira peça “**Nostradamus**”, se refere aos prisioneiros do futuro e esta, aos prisioneiros do presente.

“**Mighelangelo**”, mesmo baseada em fatos reais e históricos, é inteiramente de ficção e expõe a minha visão autoral e pessoal sobre o descobrimento do Brasil, cujos quinhentos anos serão comemorados dentro em breve.

Doc Comparato

Texto sobre a trilogia

São três peças e três prisioneiros. O primeiro do Futuro, o segundo do Presente e um outro do Passado, que se debatem frente ao tempo, força maior que os homens não dominam e cuja essência desconhecem.

O tema me cativa e num desafiante jogo de pensamentos me propus a persegui-lo.

Vou conseguir? Só o tempo dirá. Talvez me falte capacidade. Que tal, afinco? Não sei. É bem provável que não tenha tempo.

Está aí — o tempo. Figurinha difícil que incomodando me fascina, muito mais pela sua leitura dramática do que pelo seu mistério, ditado pela física. O segredo que guarda pode facilmente aprisionar um ousado, enlouquecer um puro, seduzir o poderoso ou perturbar aquele desavisado. Pois ele tem a força do estático, mas transcorre. Embora sendo absoluto é, quase sempre, relativo. Dizem que é inexorável, mesmo resgatável pela arte, história e nossa memória. Um quebra-cabeças, ele. Muito mais próximo da luz do que da matéria. O invisível que deixa marcas.

Sujeitos a tamanha pressão, os prisioneiros lutam em desespero contra seu algoz - todas as armas são válidas, todos os conflitos possíveis e, mais que isto, saindo vencedor de uma batalha o personagem cai irremediavelmente em outra, e mais outra, e em tantas outras possíveis, até perceber que foi capturado pelo eterno e imprevisível círculo da surpresa. Então se aquieta e num logo depois percebe o nada, como se fora o ontem. Se agita com o hoje e adormece na expectativa do amanhã.

D.C.

Mentiras e verdades sobre o texto ou era primavera e ninguém me avisou

O clima mudou. De repente não fazia mais aquele frio danado e, numa rajada de flores, Barcelona mergulhou na primavera. Pena que não fui avisado.

A cada noite, diminuía o termostato do aquecimento do meu quarto e, como tudo na vida, o ato virou mais uma engrenagem da minha rotina diária. Mais um momento a ser cumprido, além do pontual café da manhã no primeiro andar do Hotel Suite Barcelona, da chegada nada pontual dos meus dois assistentes e o longo escrever dos doze episódios da série “O Hospital”, para Antena 3, Madri.

Assim corria a semana até o seu fim laboral (fim da labuta) na sexta, quando muita coisa mudava. Não vivia mais no hotel e sim na casa de meu amigo Xesc Barceló, onde me deixava ser capturado pela peça e me tornava engrenagem da rotina dela.

Não. Não é engano não, “ser capturado” é a expressão correto. Graham Green, Luis Buñuel, Borges e vários outros autores já explicaram esse estranho acidente que consiste em ser atingido de chofre por poemas, livros e peças, em momentos quase sempre inoportunos.

Foi meu caso. Durante três meses dobrei a aposta escrevendo a peça e a série.

Entre ser dono de uma rotina e fazer parte dela, há uma crucial diferença quanto aos sentimentos em jogo: no primeiro caso, somos assolados basicamente pela dúvida, em síntese teremos ou não disciplina para cumprir a rotina planejada; no segundo, a carga de sentimentos é bem mais pesada, porque somos ameaçados pelo medo. Aquele medo de sermos ou não contemplados pela visita da capacidade de criar.

Por isso, meus fins de semana foram muito perigosos. O medo, sempre solapando o trabalho, emitia sinais de desalento quando determinada cena depois de escrita não me satisfazia. Outras vezes, conseguia bloquear o medo com a euforia de um diálogo bem conduzido, ou com o prazer de imaginar o caprichado desenho dramático de uma próxima cena. Em algumas ocasiões, alcancei o delírio maior de afogar o pânico para sempre, quando sonhava com o espetáculo pronto, encenado e aplaudido. Depois, é óbvio, despencava no vazio do triste desencanto.

Por isso creio que a afirmação seja verdadeira: o autor é apenas uma das engrenagens da rotina do ato de escrever, nunca é senhor absoluto dos movimentos dela, nem muito menos controla a equação de emoções que costura o texto.

Assim, enquanto Barcelona usufruía sua rajada de pétalas, eu me perdia na alameda caótica do escrever vacilante.

Enfim, ninguém me avisou que era primavera, entretanto, muitos me prepararam e estimularam para o ato de escrever.

Explico.

A pesquisa do tema começou há algum tempo atrás. Foi precisamente em Moscou, 1988, quando o cineasta e amigo Geraldo Sarno me deu de presente o livro “Visão do Paraíso”, do magnífico pensador brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda. O livro foi revelador em todos os sentidos, pois além de me submergir nas raízes do Brasil, abriu as portas de uma fabulosa e inesgotável bibliografia sobre o pensamento europeu perante os descobrimentos marítimos nos fins do século quinze.

Também foi de capital importância a pesquisa médica desenvolvida no Rio de Janeiro pelo Dr. Luiz Alfredo Lamy, que me proporcionou toda a investigação sobre a origem da sífilis e as técnicas cirúrgicas que se utilizavam em 1500 para se castrar um efebo.

Uma aparente viagem de turismo a Roma, em janeiro deste ano, 1996, foi o ponto detonador que fixou o teto da Capela Sistina como contra-ponto do Paraíso Brasilis. Além, é claro, da compra de livros históricos.

Destaco “I Pontifici Romani”, um resumo interminável da vida e obra de todos os Papas e anti-Papas.

Quanto à música escolhida - Bachianas nº5 de Villa Lobos - foi uma descoberta de Xesc Barceló, que depois de me fazer ouvir várias composições de autores da época, me obrigou a esquecer a verdade musical do século quinze e optar descaradamente pelo gênio de Villa Lobos, compositor brasileiro que brilhou quase quinhentos anos depois dos eventos descritos no texto.

Xesc também me proporcionou vários livros em latim, de onde roubei a escassez de duas pequenas frases, e toda sua amizade, carinho, liberdade para escrever e invadir sua casa no instante que me apetecesse. Seu filho

Ricardo e suas várias namoradas eram fugidos convenientemente para meu sossego e paz.

Escrevi a peça quase toda em Barcelona, à exceção de parte de uma cena em Sintra, Portugal. E outras duas em Portbou, um povoado delicioso e chique, que fica na Costa Brava, justamente na fronteira da França com a Espanha. Victor e Diana Ginart Ionama foram os responsáveis por este inesquecível rapto.

A todos estes queridos amigos que me ajudaram no trabalho, minha mais profunda gratidão.

A transcrição com formatação da peça para computador foi feita aqui no Rio, graças à gentileza, entusiasmo e amizade de Flávia Lins e Renato Icarahy.

Quanto às verdades e mentiras sobre o texto, confesso o seguinte: efetivamente a sífilis chegou à Europa por volta de 1496-1500, coincidindo com os descobrimentos marítimos. Assim, é quase certo que podemos afirmar que a sífilis é de origem americana ou sul-americana;

Pio III foi Papa por uns ínfimos dez dias em outubro de 1503, e Julius II por vários anos, desde 1503 a 1513. Propositalmente não defino no texto nenhuma data para os dois papados, mas indiretamente os coloco às portas de 1500, isto é, uns míseros anos antes de terem ocorrido; influenciado pelos historiadores atuais que sempre se referem à cronologia do século quinze como “provável”, já que naquela época não se media o tempo com precisão (as distorções e confusões quanto às datas eram tantas, que obrigaram o Papa Gregório XIII a reformular o calendário universal em 1582), optei por cometer o leve delito de alterar em alguns anos certos fatos históricos, como, por exemplo, o descobrimento do Brasil, pois sempre

acreditei, como também muitos historiadores, que o Brasil tenha sido descoberto secretamente antes de 1500. Por todas estas razões, escolhi o cômodo “em torno de 1500” para abrigar e datar todos os acontecimentos da peça; o Vaticano já existia na época, mas a Basílica de São Pedro só começou a ser construída em 1503.

Quanto à pintura da Capela Sistina por Miguel Ângelo, há uma falha de tempo de uns três anos entre o descobrimento oficial do Brasil, 1500, e o trabalho do artista, outra vez a poeira do tempo e a minha consciência apagaram esta diferença.

Em relação aos reis de Portugal, não cito D. João II, predecessor de D. Manuel, mas digo no início do segundo ato que o rei de Portugal está submerso em muda depressão. Logo, estou me referindo a D. João II, que já não reinava neste momento.

Por outro lado, a moda dos “castrati” se iniciou precisamente às portas de 1500.

Quanto aos anjos não tenho certeza se naquela época eles se apresentavam ou se comportavam como foram descritos no texto. De todas as formas foi uma grande perda para a humanidade a extinção visual destes seres maravilhosos, os chamados “artistas do céu”.

D. C.

Lendo o Teatro de Doc Comparato

Antigamente os editores fugiam de certos tipos de livro porque diziam que não vendiam: teatro, poesia, biografias... Com o e-book isso tudo mudou. Todos os gêneros são bem-vindos. E resolvemos investir em dramaturgia, na obra teatral do dramaturgo Doc Comparato. Ela é bem diversificada, pois o autor rodou o mundo e viveu em diversos países. Seu livro sobre roteiro é utilizado em vários idiomas. E seu teatro?

Ele dividiu seu trabalho em três trilogias: **Trilogia do Amanhã**, composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: *Plêiades*, *O Beijo da Louca*, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e *O Despertar dos Desatinados*, texto inédito até hoje.

Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: *Nostradamus*, *Michelangelo* e *O Círculo das Luzes* – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. *Nostradamus* recebeu o prêmio Anna Magnani.

Sua última trilogia, a da **Imaginação**, é formada por seus últimos trabalhos, que consistem em textos inéditos escritos recentemente.

E é justamente por aí que vamos começar. Pelos mais novos trabalhos do dramaturgo. As peças são: *Sempre*, *Jamais* e *Eterno*. Com uma capacidade imagética impactante, ele nos traz a figura de uma escritora de livros infantis, Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. Em textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Vale a pena ler e imaginar o espetáculo.

Fora as trilógicas, Doc possui **outros textos** que vamos incluir nesta primeira leva de edições digitais. A peça infantil *A Incrível Viagem, Lição N.º 18* e *A Misteriosa Morte do Supremo Imperador da China e Outras Histórias*.

Antes de terminar é bom lembrar que este material é licenciado somente para leitura.

Bom espetáculo!

Para minhas filhas.

DOC COMPARATO

Lista de personagens

(EM ORDEM DE APARIÇÃO)

1. FRANCISCO (**Sugere-se que o personagem seja interpretado por uma atriz muito jovem e franzina**)
2. PAPA PIO II
3. ABADESSA
4. CARDEAL GUILIANO DELLA ROVERA, **depois** PAPA JULIUS II
5. FREI CAMILO
6. FREI TOMÁS
7. MONSENHOR FELIPO
8. NAVEGADOR, HOMEM DA CAPA AZUL

PRESENÇA ESPECIAL SEM FALA

1. MIGUEL ÂNGELO (COM SEU MANTO VERDE)
2. SEU ASSISTENTE.

GRUPO DE EXPRESSÃO CORPORAL:

Composto por oito elementos (ou mais):

quatro homens e quatro mulheres.

Um dos homens, o mais velho, possui três falas com sons (palavras) incompreensíveis.

Nota sobre a cenografia

Sugere-se palco italiano, enquadrado por um amplo praticável metálico.

O jogo de luz deve ser preciso e rigoroso. É fundamental.

Títulos das cenas da peça

1º ATO:

Cena 1. Eventos libertinos e mentiroso

Cena 2. Escribas, sacerdotes e espiões

Cena 3. O anel e o anjo revelam o passado

Cena 4. Nó e laço em família

Cena 5. Certo passeio protocolar

Cena 6. Uma lição quase paradisíaca

Cena 7. A teologia do escalda-pés

Cena 8. A cuba maléfica

Cena 9. De que são feitos os milagres

Cena 10. Dois pedidos insólitos

Cena 11. Monstros e demônios dos mares profundos

Cena 12. Entre dois mundos

2º ATO:

Cena 13. O enigma das caixas

Cena 14. A surpresa do sexo dos anjos

Cena 15. A Terrível idéia do artista imoral

Cena 16. A guerra das imaginações

Cena 17. Os inconvenientes noturnos da arte

Cena 18. O êxtase das flores

Cena 19. O dia que nunca amanheceu

Cena 20. Instantes de horror e carnaval

Cena 21. Vinganças submersas em azul

Cena 22. Os prisioneiros do presente

“Para os teólogos da Idade Média, não representava o paraíso apenas um mundo intangível, incorpóreo, perdido no começo dos tempos, nem simplesmente alguma fantasia vagamente piedosa, e sim uma realidade ainda presente em sítio recôndito, mas porventura acessível”.

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA,

“Os oráculos e os sonhos só se compreendem no momento em que se cumprem”.

HELIODORE

“Os cem maiores estudiosos, pensadores e filósofos do mundo elegeram os afrescos do teto da Capela Sistina de Michelangelo como a obra mais significativa e importante do milênio”

REVISTA TIME

Michelangelo

Primeiro Ato

CENA 1 - EVENTOS LIBERTINOS E MENTIROSOS

APOSENTOS DO PAPA PIO III

VATICANO NOITE

Cai a luz.

*Escuta-se uma linda canção - Bachianas Brasileiras nº5/Ária
(Cantilena)/Adágio/Heitor Villa Lobos (1887-1959)*

Uma voz cristalina de soprano canta.

Um tempo.

*Luz de baixo para cima focaliza Francisco, o cantor. Ele é um rapazote
pré-púbere, de idade indefinida.*

*Enquanto o canto progride, luzes ganham intensidade máxima sobre o leito
do Papa Pio III.*

*O Papa está recostado sobre enormes travesseiros e tem espalhado sobre o
rosto várias compressas pequenas, feitas de panos atalhados, brancos.*

Tudo é branco. Alvíssimo.

A imagem é bastante insólita.

O menino canta sobre a luz.

Numa outra área iluminada, um homem, o Papa, com rosto tapado, está submerso no branco.

Chega a Abadessa, também de branco, e se aproxima do Papa. Ela traz um pequeno sino de prata nas mãos.

Um tempo.

A Abadessa toca o sino.

Imediatamente, Francisco pára de cantar e a música de fundo cessa.

A Abadessa vagorosamente vai retirando as compressas brancas do rosto do Papa Pio III - Por fim, vemos o rosto do Papa.

Ele possui uma cabeça em forma de ovo - sem um fio de cabelo (toda raspada) - que brilha na luz e que lhe dá um toque mágico, surpreendente e até futurista.

Seu rosto pálido denota abatimento. E seu semblante parece velho e cansado.

Enquanto a Abadessa tira as pequenas compressas, ela fala.

ABADESSA

Vossa Santidade... Vossa Santidade... Se me permite... Vossa Santidade se encontra livre da dor?

PAPA PIO III

Francisco é de natureza pura e gentil... Sua voz parece que busca a Deus... Uma dádiva.

ABADESSA

(*Para Francisco*) Obrigada, Francisco... Como sempre, sua voz de rouxinol aliviou o sofrimento do Santo Padre... A dor de cabeça do Papa se foi... Pode retirar-se.

Ela toca o pequeno sino.

Francisco faz uma profunda reverência.

FRANCISCO

Boa noite, Santidade...

Foco de luz sob Francisco se apaga.

PAPA PIO III

Já não me sinto tão cansado... Mas o tédio, aquele estranho tédio, ainda persiste... O que devo fazer, Abadessa?

ABADESSA

O tédio, às vezes, esconde a solidão, Santidade.

PAPA PIO III

A solidão! É isto. Acabei de encontrar meu verdadeiro inimigo: a solidão.

ABADESSA

Como governanta papal, tenho por obrigação zelar pelo bem-estar de Vossa Santidade...

PAPA

O bem estar do papa é um calvário!

ABADESSA

Mais tarde vou preparar seu chá... De camomila... Apagarei as lamparinas do corredor... E inspecionarei a batina que Vossa Santidade usará pela manhã... Tudo a seu tempo... Depois, a comida... Carne ou peixe para o almoço... E não posso me esquecer dos ovos quentes da primeira refeição.

Subitamente ela dá um berro de terror. Longo, alto, intenso e bastante perturbador.

Da parede escorre leite em quantidade.

E da boca do Papa desce, também em profusão, um leite do mais branco possível.

Um tempo. A cena é insólita e estranha. Cai a luz.

CENA 2 - ESCRIBAS, SACERDOTES E ESPIÕES

DEPENDÊNCIAS DO CARDEAL GIULIANO DELLA ROVERA

VATICANO

DIA

Escuta-se uma belíssima gargalhada. O gargalhar é prazerosos, pleno e parece não parar.

Luz.

De pé, o Cardeal Della Rovera gargalha.

O ambiente é composto por dois banquinhos.

Dois jovens frades desesperados (cada um deles segurando longas penas para escrever e tinteiros). São eles: Camilo e Tomás.

Pelo chão, vemos várias folhas de papel e pergaminhos.

Camilo está ajoelhado e reza. Tomás, sentado, tem as mãos ao coração.

CAMILO

Isto é um sacrilégio! Ave-Maria cheia de graça... (Continua/em latim)

TOMÁS

Sua Santidade seria incapaz de fazer isto... É um Santo Homem!
Imaculado.

Cardeal Della Rovera ri alto.

CARDEAL DELLA ROVERA

Foi leite. Saiu leite de todos os orifícios!

Um tempo.

Subitamente, o Cardeal muda de atitude - Torna-se enérgico e sério.

CARDEAL DELLA ROVERA

Basta! Camilo! Tomás! Parem com isto! Chega de ladainha! Recolham já estes pergaminhos!

Os dois frades obedecem ao Cardeal.

Silêncio.

CARDEAL DELLA ROVERA

Não se pode! É impossível... Um pouquinho de criatividade... Um dedinho de fantasia... E pronto! O céu vem abaixo. Que raio de frades são vocês, que não podem suportar uma gota de humor?... O riso é algo plenamente lícito - Não é pecado rir! *(Pausa)* Podem sentar!

Camilo e Tomás sentam-se com seus pergaminhos e papéis, penas e tinteiros. Um tempo.

CARDEAL DELLA ROVERA

O que eu pensei, ou melhor, imaginei... Foi uma brincadeirinha. Uma mentirinha, entenderam? Isto que eu contei não aconteceu... Passou-se na minha cabeça. Aliás, eu não sei o que aconteceu na noite passada, vocês é que devem saber... Afinal, são vocês os espiões, não são? Não vivem pelos corredores e alçapões secretos do Vaticano? Vivem... Então... Eu cheguei aqui e simplesmente disse “um perturbador grito de horror”. Horror! Ecoou pela noite adentro. Grito este proveniente do quarto de sua Santidade, o Papa Pio III. O que terá acontecido? E completei “Ah! Já sei o que se passou: o grito não foi do Papa, foi da Abadessa, pois da boca do Papa jorrou leite. Leite. Mas poderia ter dito mel ou borboletas. Todavia, me pareceu mais conveniente e biológico o uso da palavra: leite...

CAMILO

Mas o problema não está no leite.

TOMÁS

E sim na heresia de imaginar tal cena: o Santo Padre num ato tão desatinado. Vade Retro! É coisa impensável, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Desatinado. Até os diminutos sonhos são capazes de alterar as pequenas mentes.

CAMILO

Além do mais, nestes meses todos em que observamos sua Santidade... Observar é o termo, não é Tomás?

TOMÁS

Sim, Camilo, Observar. “Observar, veladamente”.

CAMILO

Não aconteceu nada. Absolutamente nada que desabone a conduta moral do Santo Padre. Fato, aliás, que teria deixado a Eminência bastante desapontada.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?!

TOMÁS

O homem é um rio de bondade, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Cujas margens se chamam respectivamente: burrice e estupidez. *(Pausa)* Até agora me pergunto que intenção teria tido o Espírito Santo ao fazer deste homem Papa... Ele é um inútil!

CAMILO

Quem?! O Espírito Santo?!

CARDEAL DELLA ROVERA

Não! O Papa! Pio III é tão medíocre que sua nulidade chega às raias da desarmonia... Talvez seja isto que o Espírito Santo queira nos ensinar: que a nulidade não parece, mas é sinal de desarmonia.

TOMÁS

Os desígnios de Deus são insondáveis para nós, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?! (*Pausa*) Sabem do que mais, meus queridos frades, Tomás e Camilo?

TOMÁS E CAMILO

Não, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Vão à merda!!!

TOMÁS E CAMILO

Sim, Eminência.

Um tempo.

O Cardeal caminha de um lado para o outro.

CARDEAL DELLA ROVERA

E agora? O que estão esperando? Os relatórios! Comecem a ler! Quero saber, afinal, o que se passou.

Os frades ajeitam os papéis.

CAMILO

Cardeal Della Rovera, algo de muito misterioso ronda o Vaticano há três dias. E o grito de pavor da noite passada foi apenas uma parte visível, ou melhor, audível, deste enigma.

Um homem com uma enorme capa azul é iluminado. Jamais vemos o seu rosto. Ele caminha um tempo até desaparecer.

TOMÁS

Meu Cardeal, vamos relatar os fatos. Exatamente como foram vistos por nós. São eventos aparentemente isolados mas, que em seu conjunto, desenharam um afresco insólito e bastante perturbador do papado.

Um tempo.

Cai a Luz.

CENA 3 - O ANEL E O ANJO REVELAM O PASSADO

VÁRIAS SALAS DO VATICANO

VATICANO
DIAS E NOITES
TRÊS DIAS ANTES

Luz imediata sobre Monsenhor Felipo que, com uma vareta nas mãos, dá sua aula de teologia.

MONSENHOR FELIPO

Anjos! Os anjos! (*Pausa*) Os anjos são criaturas celestes e espirituais... O arcanjo anuncia a Maria sua maternidade... Cristo sobe aos céus rodeado de anjos... Quanta luz! Aleluia!...

A estátua (ou pintura) de um enorme e radiante anjo se ilumina. Com sua vareta de professor, Monsenhor Felipo aponta para a figura.

MONSENHOR FELIPO

Embora nascidos de essência divina, os anjos assumem formas humanas... Possuem asas... Isto é, penas!... E na maioria das vezes carregam órgãos genitais!

Escuta-se um murmúrio de perplexidade coletivo

CORO

(*Off*) Oh!Oh!

MONSENHOR FELIPO

Silêncio! Por favor! Atenção, senhores prelados! Gostaria de lembrar a todos que estamos às portas do ano de mil e quinhentos e que os nossos conhecimentos teológicos avançam a cada dia, a cada hora, a cada minuto... E que o novo século nascerá repleto de revelações divinas... E se o “vosso ouvido” de aluno do Sacro Colégio Romano não estiver preparado para mergulhar nas mais profundas verdades sobre Deus... É melhor que este aluno, ou estes alunos, se retirem.

Escuta-se algum murmúrio breve.

MONSENHOR FELIPO

Continuando... Os anjos... possuem sexo, sim, caros alunos. Todavia, seus órgãos genitais são inativos, imaculados e puros... Podem tomar nota! Escrevam: “Os anjos nascem da “árvore do bem e do mal” e falam um idioma desconhecido pelos humanos. Eles se dividem em nove hierarquias... São eles: Serafins! Anjos de cor vermelha... Querubins! Anjos de cor azul... Tronos! Anjos de cor amarela...

Monsenhor Felipo pára e fica estático em sua posição.

Entra o Cardeal Della Rovera segurando vários papéis e jogando algumas folhas pelo chão. Camilo e Tomás acompanham o Cardeal.

CARDEAL DELLA ROVERA

Que tolice! Isto não serve para nada! Uma aula sobre anjos do Monsenhor Felipo. (*Lendo*). “Serafins são vermelhos... Tronos amarelos...” (joga a folha no chão) E por que não ao contrário? Ou Roxos! Todos em lilás... Que beleza seria... De onde nasce tanta certeza, meu Deus? (*Pausa*) Camilo!

CAMILO

Sim, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Controlando-se e perguntando em voz baixa) Por que vocês me obrigam a ler esta baboseira?

TOMÁS

O homem de capa azul assistiu à aula, Eminência. Foi a primeira vez que apareceu.

Luz sobre o homem com a enorme capa azul sentado ao lado da figura angelical que serve de modelo para o professor Monsenhor Felipo.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! O estranho homem... *(Lendo e perguntando ao mesmo tempo)* Mas quem é ele?... Um prelado? Um nobre? Um embaixador?... *(Joga outra folha no chão)* Mais arcanjos! Copiaram a aula toda...

TOMÁS

Identidade desconhecida, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Que esquisito... Ele se confessou?

CAMILO

Infelizmente, não. Ronda todos os lugares. Foi visto na biblioteca, na sala de mapas, no Sacro Colégio... no confessionário não pôs os pés... Siga a leitura, Eminência.

O homem da capa azul se levanta e sai para o outro lado do cenário, levando com ele a luz.

A Abadessa cruza com o homem da capa azul. Eles se cumprimentam.

HOMEM DA CAPA AZUL

Virtuosa Abadessa. “Nobili genere natus”.

ABADESSA

(Reage com surpresa) “Post glorians invidia sequitur”.

Entra o Cardeal, com Tomás e Camilo, todos eles lendo papéis.

TOMÁS

Ele disse: “Trata-se de um nascimento ilustre”.

CAMILO

Ela respondeu: “A inveja vai atrás da glória”.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Jogando um papel no chão) Uma senha! É claro como água. Uma senha.

O homem da capa azul se ajoelha e entrega à Abadessa um lenço branco que envolve algo.

A Abadessa abre o lenço e vê com cuidado o que este esconde. Uma estranha luz é projetada do interior do lenço.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Tentando olhar para o interior do lenço) Mas o que ele entregou para ela? O que o lenço escondia? A descrição do objeto não está no relatório!

TOMÁS

Foi impossível chegarmos mais perto, Eminência.

O Cardeal joga outra folha no chão.

CARDEAL DELLA ROVERA

Pois era um anel. Brilhava. Pensem um pouco -só poderia ser um anel.

A Abadessa e o homem correm para detrás de uma pilastra. Eles parecem conversar.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Com os papéis na mão e tentando espiar o que acontece atrás da pilastra) O que eles falavam atrás da pilastra?

CAMILO

A pilastra é uma sólida obra arquitetônica de caráter irremovível, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?!

TOMÁS

Não ouvimos a conversa toda. Só algumas palavrinhas enigmáticas. Por exemplo... *(Lendo)*... Ele disse a palavra na-ve-ga-dor.

CARDEAL DELLA ROVERA

Navegador... Não faz sentido. Deve ter dito mer-ca-dor.

A Abadessa sai.

Cai a luz ao redor da pilastra.

Luz sobre o Papa deitado em sua cama com o rosto completamente tapado pelas compressas brancas.

A Abadessa se aproxima de Pio III e lhe entrega o lenço.

ABADESSA

Vossa Santidade! O emissário chegou! Aqui está o sinete do rei de Portugal.

A Abadessa abre o lenço e dele se projeta estranha luminosidade. Cardeal, Camilo e Tomás entram em cena.

CARDEAL DELLA ROVERA

Desilusão, apatia, lassidão, falta de inteligência... E cefaléia... Excelente descrição do Papa Pio III.

O Cardeal joga outra folha no chão.

Tomás e Camilo vão retirando as compressas do rosto papal.

TOMÁS

O sumo pontífice sofre muito, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

Compreensível. Sua Santidade tem muito poucas idéias em sua cabeça.
E sempre as expressa várias vezes ao dia -daí as dores de cabeça.

Luz sobre Francisco, que emite uma nota musical longa e sustentada.

CARDEAL DELLA ROVERA

Está aqui escrito! Não disse! Um anel! Um sinete! O brasão do rei de Portugal... O homem de azul é um emissário!

O Papa tem o rosto completamente descoberto.

PAPA PIO III

Francisco é de natureza pura e gentil... Só sua voz alivia a minha dor.

A Abadessa toca o sinete.

FRANCISCO

Boa-noite, Vossa Santidade.

Entra o homem de capa azul.

PAPA PIO III

Aproxime-se, Navegador.

CARDEAL DELLA ROVERA

Navegador?! Mas navega em que mar? Para onde?

Francisco emite outra nota musical longa e sustentada.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Lendo uma folha) Merda! Já sei que o menino cantou!

TOMÁS

Perdão, Eminência. Esta folha do manuscrito está fora de ordem. (*Passa outra folha ao Cardeal*).

O homem de capa azul entrega um pergaminho ao Papa.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! Aqui está! Um pergaminho... Uma mensagem do rei de Portugal.

O Cardeal joga várias folhas fora e só fica com uma em sua mão. Depois, aproxima-se do Papa.

CARDEAL DELLA ROVERA

Abre de uma vez! Quero ler!

PAPA PIO III

Medo. Tenho muito medo.

CARDEAL DELLA ROVERA

Pânico. Ele está apavorado. Ele treme. Geme.

O Papa vai desenrolando o pergaminho.

PAPA PIO III

Nobili genere natus!

CARDEAL DELLA ROVERA

Um acontecimento de grande magnitude ocorreu... Qual acontecimento? Leia!

Tomás, Camilo, Francisco, Abadessa e o homem de capa azul se retiram.

O Papa se agita em seu leito, enrola o pergaminho e, gemendo aflitíssimo, senta-se na borda do leito. Travesseiros e mantas caem pelo chão.

CARDEAL DELLA ROVERA

É grave! É muito importante! Mas o quê?! Vamos, vire para cá! Abra o pergaminho! Não fique de costas para mim!

Entra Monsenhor Felipo trazendo a cuba dourada de onde sai magnífico e espesso fogo.

Monsenhor Felipo se ajoelha frente ao Papa.

PAPA PIO III

Ninguém. Ninguém.

CARDEAL DELLA ROVERA

... Era o que faltava... Monsenhor Felipo!! Que lamentável surpresa... Não! Não! Pio III não vai fazer isto... É impossível, impensável, improvável!

MONSENHOR FELIPO

Juro, pela minha alma no inferno, que de minha boca ninguém terá conhecimento deste segredo.

O Papa Pio III segura o pergaminho com sua mão direita. Cardeal se aproxima do fogo para ver o que acontece.

PAPA PIO III

Monsenhor, segure meu braço com força e leve tudo ao fogo -minha mão, a carta e o meu medo.

MONSENHOR FELIPO

Vossa Santidade, pela luz do Espírito Santo, encontraremos uma solução.

PAPA PIO III

Tudo ao fogo.

O Cardeal observa a cena enquanto segura a última folha de papel.

CARDEAL DELLA ROVERA

Sim! Sim! O grito está explicado. *(Alto)* Mas por que? Por que? *(Pausa, lendo)* O grito está muito bem descrito. Parece até um poema... Bem ao estilo de frei Camilo.

Monsenhor Felipo agarra o braço do Papa e o leva junto ao fogo.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Lendo) Um grito de horror... Intenso. Longo... Quase pavor... Como se nascido de uma terrível e fabulosa dor.

Monsenhor Felipo mete a mão do Papa e o pergaminho dentro do fogo.

O Papa berra. Dá um longo, intenso e fabuloso grito de horror.Ecoado.

Cai a Luz.

CENA 4 - NÓ E LAÇO EM FAMÍLIA

APOSENTOS DO MONSENHOR FELIPO

VATICANO DIA

Luz sobre um grande cabide com pé, onde uma batina e paramentos de Monsenhor Felipo estão dependurados.

Francisco, o menino cantor, ajuda Monsenhor Felipo, seu tio, a mudar de roupa (batina).

MONSENHOR FELIPO

Tenha calma, Francisco. Serenidade!

FRANCISCO

Mas sou muito feliz aqui!

MONSENHOR FELIPO

Já disse! Você deve ir embora do Vaticano imediatamente!

FRANCISCO

Quero ficar, tio! Não quero ir! O Santo Padre adora minha voz!

Francisco amassa contra seu corpo o camisolão branco de Felipo.

MONSENHOR FELIPO

Francisco, você está amassando a manga!

FRANCISCO

Desculpa... O tio disse que a felicidade total não se encontra na terra, só no céu... E que, às vezes, se alcança nesta vida uma certa serenidade. E que isto já é muito.

MONSENHOR FELIPO

Sim. Disse! (*Felipo arranca o camisolão das mãos de Francisco*) Me dá isso de uma vez, Francisco!

Monsenhor Felipo se veste.

FRANCISCO

E que buscar a serenidade é uma ambição muito mais razoável do que procurar a felicidade... Mas o que significa a palavra serenidade?... Só conheço a minha voz.

MONSENHOR FELIPO

(*Irritado*)... Essa “sua voz” vai se acabar, Francisco!

Luz sobre a pilastra. Atrás dela, Frei Tomás segura com a mão esquerda uma espécie de funil retorcido. Ele está sentado e escuta “veladamente” a conversa. Traz no colo uns papéis e, com a mão direita, transcreve a conversa.

FRANCISCO

(*Chocado*) Ah! É isso então?!... O Santo Padre já não aprecia a minha voz... . Faz uma semana que não me chama... Agora entendo... Foi a Abadessa quem deu o recado?

MONSENHOR FELIPO

Não, Francisco. É seu próprio corpo que já clama a mudança. Você está se transformando num rapaz, sua voz vai engrossar e não existe nada, nada que se possa fazer. *(Pausa)* Mas não é esta a razão por que exijo que você volte para casa... *(se abraçam)* Meu sobrinho querido, momentos sublimes se aproximam... Mas acontece que eles chegam rodeados de traições, desconfianças e perigos... É melhor, escuta, volta para casa... *(Baixo)* Volta.

FRANCISCO

(Chora/choramingando) Pio III representa Jesus na Terra. Ele pode fazer milagres... Só vou pedir um milagre ao Papa... Que minha voz fique assim como é, como sempre foi... De rouxinol, como dizem.

MONSENHOR FELIPO

Papas não realizam milagres, Francisco. Papas só atestam os milagres de Deus.

Felipo acaba de paramentar-se.

Cai a Luz.

CENA 5 - CERTO PASSEIO PROTOCOLAR

NA CAPELA SISTINA

VATICANO DIA

Tudo se acende. O Papa Pio III tem a mão e o braço direito envoltos num abrangente curativo. Ao seu lado está o Cardeal Della Rovera.

Eles atravessam o cenário que é marcado por um enorme praticável superior todo coberto por um pano cinzento.

CARDEAL DELLA ROVERA

Primeiro me disseram: o Santo Padre faz retiro por uma semana em seus aposentos... E não recebe ninguém!... Então, rezei para que sua Santidade tivesse um retiro silencioso e iluminado pelo Espírito Santo... Depois, recebi a notícia verdadeira - que sua Santidade andava enfermo do braço. Ah! Aflição. E então, orei pela saúde de sua Santidade. *(Pausa)* Foi algum acidente com fogo?

PAPA PIO III

Não, Cardeal Della Rovera. Foi uma pequena queda. Tropecei.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah!É?! Pensei que fosse uma queimadura... *(Para ele mesmo/baixo)* A bondade piedosa é cínica!

PAPA PIO III

Não escutei, Cardeal. O que foi que disse?

CARDEAL DELLA ROVERA

Disse. Disse sim... Que esta capela, Vossa Santidade, está desprovida de afrescos... Observe a abóboda, por exemplo. Sem cor, toda cinzenta, sem vida... E neste lugar, Vossa Santidade, se me permite recordá-lo, é onde o Espírito Santo magnificamente atua sobre o conclave dos Cardeais na escolha do novo Papa.

PAPA PIO III

O absoluto é assim, Cardeal. Simples. Infinito como a cor cinza. *(Pausa)* A Capela Sistina representa com suas paredes desprovidas de ornamentos toda a essência de Deus.

CARDEAL DELLA ROVERA

Perdão, Vossa Santidade. Mas, Deus é tudo! É cor! É luz! *(Pausa)* E aqui, na Capela Sistina, só encontro o vazio.

PAPA PIO III

“Horror Vacui”. Este é o seu medo. “Horror Vacui”... O horror pelo vazio... Não tenha dúvidas, Cardeal, ser Papa é estar só no vazio de Deus.

Silêncio.

CARDEAL DELLA ROVERA

Fortes palavras, Vossa Santidade. Não imaginava que fosse assim tão tenebroso ser Papa.

PAPA PIO III

Cardeal! Seu desprezo pela minha pessoa é notório. A inveja que tem do meu poder é assombrosa! *(Pausa)* Sua ambição é ser Papa! Cega ambição... Tão cega que chega a lhe tapar a mente e o deixa incapaz de perceber que, por debaixo da mitra papal existe uma coroa de espinhos igual àquela que cobre a cabeça sangrante de Jesus!

Silêncio.

CARDEAL DELLA ROVERA

Vossa Santidade!? Está tudo explicado... Por fim, entendo a razão de suas dores de cabeça!

Cai a Luz.

CENA 6 - UMA LIÇÃO QUASE PARADISIÁCA

NO SACRO COLÉGIO

VATICANO DIA

Luz sobre o Monsenhor Felipo que dá outra aula magna. Segura uma varinha e aponta para um enorme mapa.

MONSENHOR FELIPO

Deste ponto para baixo começam as “Terras Incógnitas”... De acordo com Santo Isidoro, estas terras são povoadas por demônios e seres estranhos. *(Pausa)* Anotar! Copiar! *(Tom)* Eles estão divididos em quatro ramos...

Felipo aponta para quatro desenhos de monstros.

MONSENHOR FELIPO

São eles: os portentos, os portentos, os monstros e os prodígios... Observar os pés virados para trás, olhos nos ombros e os oito dedos nas mãos.

Silêncio.

MONSENHOR FELIPO

Mais abaixo, numa região ainda mais desconhecida... Quatro rios caem em cascata. Entre eles, o Fisou e o Giou, que depois se juntam e formam o grande rio... Este caudaloso rio, meus caros alunos, foi

aquele escolhido por Deus para regar o... Paraíso Terrestre!... O Jardim do Éden!... O Horto Sagrado!

Silêncio. Monsenhor Felipo muda de mapa. Vemos o mapa do Paraíso.

MONSENHOR FELIPO

As Escrituras indicam que existe um grande portal no Paraíso, feito de uma enorme pedra alta e bicuda... No Éden terrestre não existe o mal!... Lá se encontra a “árvore da vida” protegida por uma eterna primavera e por anjos que, apesar das penas, não voam!

Cai a Luz.

CENA 7 - A TEOLOGIA DO ESCALDA-PÉS

DEPENDÊNCIAS DO CARDEAL DELLA
ROVERA

VATICANO DIA

Luz sobre o Cardeal Della Rovera. Sentado com os pés descalços.

CARDEAL DELLA ROVERA

Meu escalda-pés!

Frei Camilo entra com uma fumegante bacia e a coloca junto aos pés do Cardeal.

O Cardeal, muito devagar, vai submergindo seus pés na bacia. Frei Camilo se retira.

O Cardeal geme enquanto mete seus pés na água quente.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Geme) Ai! Ai! Está quente!... Ui! Que delícia!

Entra Monsenhor Felipo.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! Meu querido Monsenhor, estou tão desesperado... Sua Santidade está com uma péssima impressão do meu caráter... Alguém lhe disse que sou invejoso, ambicioso... Pestilento... Por acaso não foi o Monsenhor que lhe soprou aos ouvidos?

MONSENHOR FELIPO

Seria incapaz de uma atitude desta, Eminência.

CARDEAL DELLA ROVERA

... Me arrependo vivamente de ter sido algo crítico sobre suas bombásticas teorias teológicas sobre... anjos “flatulentos” e... paraísos terrestres “em cascata”.

MONSENHOR FELIPO

Mas estas teorias não são minhas! Estão nas escrituras, na Bíblia, nos escritos dos santos.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?! Me arrependo! Já disse... (*Pausa*) Ai! Ah! Que água mais quente... Quase queima... Felizmente, não são labaredas... Como aquelas que queimaram a mão santa do Santo Padre.

MONSENHOR FELIPO

Não sei a que assunto se refere, Eminência... Sua Santidade caiu. Tropeçou.

CARDEAL DELLA ROVERA

Passemos então para outro tema... Monsenhor, estava pensando... Se eu desse um presente inesquecível ao Santo Padre... Será que ele me honraria com a sua confiança?

MONSENHOR FELIPO

Pio III é um rio de bondade que a todos perdoa.

CARDEAL DELLA ROVERA

Já ouvi esta frase antes...

MONSENHOR FELIPO

Sim. Acredito que sim!

CARDEAL DELLA ROVERA

Então me diga, o que estava escrito na mensagem do rei de Portugal?

MONSENHOR FELIPO

Como?! Eminência...

CARDEAL DELLA ROVERA

E por que não, Monsenhor? Conte-me tudo. Afinal, depois do presente inesquecível, vou ser, como o senhor mesmo acredita, o novo confidente do Santo Padre. E é melhor começar de uma vez. *(Pausa)* Não lhe parece lógico contar-me tudo?

MONSENHOR FELIPO

Diria... Prematuro, Eminência.

Silêncio.

CARDEAL DELLA ROVERA

É perigoso, para qualquer ser humano, depender de uma única pessoa. De um único confidente... Ainda mais um poderoso como o Papa.

MONSENHOR FELIPO

Eminência, por acaso está insinuando que eu não sou um bom confidente papal?

O Cardeal chuta o escalda-pés e se levanta.

CARDEAL DELLA ROVERA

Não estou insinuando merda nenhuma! (*Pausa*) Afirmo, isto sim, que o Papa é um ser imperfeito por ter o senhor como seu único conselheiro... Um homem para poder discernir deve escutar a tudo e a todos. Do nefasto ao benigno! (*Pausa*) Não se pode prender a voz solitária de um tal Monsenhor Felipo idealista, delirante e ingênuo!... Destituído de qualquer senso prático da vida! (*Pausa*) Será que não enxerga que com sua negativa acaba de comprar todo o meu ódio?

MONSENHOR FELIPO

Seu ódio não me interessa para nada, Eminência! Pois minha cabeça está voltada para Deus. E Deus está muito além, distante mesmo dessas suas crises de fúria e ciúmes!

Silêncio.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?!... Então, em outras palavras, o Monsenhor sabe onde está Deus e que tamanho possui? Que maravilha! (*Pausa*) E o mal? Onde estará o mal, Monsenhor Felipo?... Em cima, debaixo ou ao lado do Paraíso?

MONSENHOR FELIPO

Receio, Eminência, que o maléfico esteja aqui. Agora. Entre nós.

Cai a Luz.

CENA 8 - A CUBA MALÉFICA

NO CALABOUÇO DO CIRURGIÃO

VATICANO NOITE

Luz imediata sobre uma espécie de grande cuba (ou tanque) toda de vidro, tendo como suporte e arestas grossas molduras de ferro batido.

A cuba é iluminada desde dentro e está cheia de azulada água até a borda.

A apresentação deste cúbico e estranho tanque, onde cabe somente uma pessoa pequena, nos deve conduzir a uma atmosfera intimidadora, sinistra, maléfica.

Francisco, vestindo um camisolão branco e fino, ronda a cuba, enquanto toca aqui e ali o espesso vidro. Observa maravilhado a água azulada e cristalina.

O Cardeal Della Rovera entra trazendo um prato com uma pêra e cintilante faca.

FRANCISCO

Eminência... O milagre se realiza dentro da água?

CARDEAL DELLA ROVERA

Claro, Francisco! Esta água é benta! *(Pausa)* Pensa! Não é seu desejo que sua voz fique linda e fina para sempre, como a de um... rouxinol cristalizado?

FRANCISCO

Sim, Eminência. O meu sonho é continuar cantando para o Santo Padre... Mas o meu tio diz que com o tempo minha voz vai se acabar.

CARDEAL DELLA ROVERA

Mentira! Com um simples milagre paramos o tempo... (*Corta a pêra ao meio*) Olha! Corto a pêra bem no meio... Agora com a faca retiro as sementes... (*Retira as sementes da pêra*) E depois, junto os dois pedaços da pêra... Então? O que temos?

FRANCISCO

Não entendo.

CARDEAL DELLA ROVERA

Uma pêra sem sementes. Francisco!... Sem futuro... Entende?... Paramos o tempo. Milagre!

FRANCISCO

Acho que entendi! Vai tirar as sementes que fazem minha voz mudar!

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! Que sagacidade, Francisco! Perfeito! (*Pausa*) Agora, entra na cuba!

Francisco sobe por uma escadinha, entra na cuba e afunda na água. Fica somente com a cabeça de fora.

FRANCISCO

Eminência, quanto tempo demora para a água benta fazer o milagre?

CARDEAL DELLA ROVERA

Não é bem assim, filho. Água benta não é solvente. Lembre-se! Todo o milagre é dolorido!... A dor é inevitável, mas a água alivia um pouco... Assim pensam os doutores... *(Chama) Cirurgião!*

Entram o cirurgião e seu assistente. Ambos vestem aventais e usam máscara de couro que escondem a parte superior de seus rostos.

Eles sobem pela escada e se colocam debruçados sobre a borda da cuba.

Francisco olha assustado para os cirurgiões.

O Cardeal entrega sua cintilante faca ao cirurgião.

CARDEAL DELLA ROVERA

Não se preocupe, Francisco... Você será o ser mais sereno do mundo... Só a serenidade... Sabe por que? Não será nem macho, nem fêmea... Só voz! *(Pausa)* Cortem-lhe os colhões!

Os mascarados afundam violentamente a cabeça de Francisco dentro da cuba. Através do vidro, vemos Francisco se rebatendo desesperado dentro da água.

O assistente mantém Francisco submerso. O cirurgião mete seus braços na cuba e, tendo a faca do Cardeal numa das mãos, com a outra busca os testículos de Francisco.

O Cardeal eleva o prato e o aproxima do cirurgião.

CARDEAL DELLA ROVERA

O Santo Padre ficará encantado com o meu presente: Um Castrado!

Francisco se debate no interior da cuba.

Súbita e espantosamente a água da cuba se tinge de sangue. Do mais vermelho e vivo sangue.

Francisco volta à tona desfalecido.

O cirurgião coloca sobre o prato um pano manchado de sangue que envolve, provavelmente, os testículos de Francisco.

O Cardeal, segurando o prato, abre o pano e observa com atenção.

CARDEAL DELLA ROVERA

... Um incompetente... Arrancou os colhões e decepou o pênis junto...

(Pausa) E agora? Por onde o menino vai mijar?!

Cai a Luz.

CENA 9 - DE QUE SÃO FEITOS OS MILAGRES?

APOSENTOS DO MONSENHOR FELIPO

VATICANO NOITE

Monsenhor Felipo está deitado de bruços no chão. Tem os braços abertos e as pernas juntas -forma uma cruz (posição em cruz).

Ao seu lado, ajoelhada, vemos a Abadessa.

Luz sobre o Monsenhor Felipo.

Felipo berra e começa a chorar copiosamente. A Abadessa tristíssima tenta consolá-lo.

MONSENHOR FELIPO

Um crime! Foi um ato desumano!

ABADESSA

Milagre, ele disse! Milagre!

MONSENHOR FELIPO

... Que ser mais monstruoso! Senhor, meu Deus, me faça compreender como admite no seio da sua Igreja um príncipe tão degenerado?... Iludiu o menino... Destruiu a sua masculinidade... Seu sexo... A força vital de um prazer que ainda nem tinha começado... E para que? Por que?... Por capricho... Capricho... Vingança... Curiosidade para ver o

que estava escrito numa carta... Coisinhas tão pequenas, ínfimas... Não justificam um ato tão absurdo.

A Abadessa passa a sua mão pelos cabelos e pelas costas de Felipo.

ABADESSA

Milagre, ele disse! Milagre...

Monsenhor vagorosamente sai de sua posição em cruz e se enrola fetalmente em torno da Abadessa. Ela continua acariciando Felipo.

MONSENHOR FELIPO

Milagre! O que entende o Cardeal Della Rovera de milagres?... Os milagres são feitos de amor, Abadessa! De amor! Esta é a matéria prima do milagre - o amor! O amor a Deus! O amor ao próximo! O amor à natureza... Só amor.

ABADESSA

... Monsenhor... Todo mundo supõe que os bons são bobos e que os seres malvados são inteligentes... Pois acho que não... Penso que ocorre justamente o contrário... As pessoas más são ingênuas, Monsenhor. Uma pessoa age mal porque não imagina o que sua conduta pode causar na consciência, na vida do outro, não mede as conseqüências de seus atos... É um egoísta sem limites nem fronteiras... Um imbecil que só pensa em si... Um tolo... Um primitivo que se deixa levar pelo primeiro impulso... Difícil mesmo, Monsenhor, é se fazer o bem! É amar!

O Monsenhor agora está deitado no colo e envolto nos braços da Abadessa - há algo de "Pietá" na posição.

MONSENHOR FELIPO

(Cansado... Triste...) Por favor, não justifique o injustificável!

ABADESSA

Durma, Monsenhor... Feche os olhos... Esqueça tudo...

MONSENHOR FELIPO

Esquecer?! Como?! Meu sobrinho é um castrado! Dormir?... Por que fechar os olhos? Por que me acaricia?... Por que me tem em seus braços?...

Silêncio.

ABADESSA

... É só amor.

Silêncio. Eles se olham intensamente.

MONSENHOR FELIPO

Sei... Sinto também... O amor... *(Longa pausa)* É. É sim. É melhor fechar os olhos... Esquecer. Tem razão.

ABADESSA

E que o esquecimento seja piedoso...

MONSENHOR FELIPO

Piedoso?! Mas do que estamos falando? De nós? De quê?

ABADESSA

De tudo, Monsenhor... Um pouco de tudo... Sua Santidade, o Papa, recebeu a castração de Francisco como se fosse um presente caridoso do Cardeal... Como se fosse a cura perfeita e eterna para suas dores de cabeça... Por isto, esqueça o Cardeal, a castração, o amor, o Papa, o Vaticano... Feche os olhos... Durma... E não sonhe... Sonhar é muito arriscado.

Felipo fecha os olhos.

A luz apaga devagar.

Cai a Luz.

CENA 10 - DOIS PEDIDOS INSÓLITOS

APOSENTOS DO PAPA PIO III

VATICANO DIA

Luz sobre o Papa que está sentado numa cadeira com espaldar. Seu braço se mantém enfaixado.

PAPA PIO III

... Quando o Cardeal Della Rovera veio me presentear com sua invenção cirúrgica... Fiquei atônito... Pois ele disse...

Cardeal Della Rovera entra em cena.

CARDEAL DELLA ROVERA

“Nobili genere natus”. Isto é. “um fato ilustre acaba de nascer”... Meu cirurgião descobriu a fonte da voz perfeita... “Il castrato”... Retira-se os testículos e pronto: soma-se ao canto mais puro a castidade. Não é um primor?! Espero receber vossos Santíssimos cumprimentos por este grande avanço tanto na arte musical como na ciência médica.

PAPA PIO III

Sim. Sim. Mas o Cardeal disse antes em latim uma frase...

CARDEAL DELLA ROVERA

Como posso dizer outra, Vossa Santidade. Vejamos... “Post gloriam invidia sequitur”...

PAPA PIO III

“A inveja vai atrás da glória”...

CARDEAL DELLA ROVERA

Com certeza, Vossa Santidade já ouviu estas frases... Até pôs a mão no fogo por elas... Quer dizer, ponho minha mão no fogo que todos nós já ouvimos estas frases e muito outras mais... Frases são só frases e nada mais.

Entra Monsenhor Felipo em cena.

Em verdade, o Papa conversa com Monsenhor Felipo.

PAPA PIO III

Então veio a luz, Monsenhor Felipo. A luz do Espírito Santo brilhou através de frestas... Através das frases do Cardeal e trouxe a solução para a nossa quietude.

CARDEAL DELLA ROVERA

Por exemplo, não aceito que a inveja persiga a glória... Pois este conceito vem de um ditado romano e pagão... Em verdade, Vossa Santidade, quem persegue a glória é Deus, a igreja e o papado!

O Cardeal desaparece.

MONSENHOR FELIPO

Cuidado, Vossa Santidade. As palavras sempre ganham uma raiz vil e perniciosa quando saem da boca do Cardeal.

PAPA PIO III

Então, pensei: poderá ser o ápice do meu papado! Vou perseguir a glória de Deus! Descobrir, afinal, o que é mentira ou verdade na carta do rei de Portugal.

MONSENHOR FELIPO

Se Vossa Santidade me permite dizer, o que o Cardeal deseja é se ver livre de mim e, por conseguinte, se apoderar de seu bondoso papado.

PAPA PIO III

Tolice. Ele disse sem saber. Foi o Espírito Santo que falou pela língua do Cardeal... Como se pode explicar tamanha coincidência de frases? *(Se levanta)*... Aqui tem o meu anel. Toma.

O Papa dá o anel para Monsenhor Felipo que se ajoelha.

Entra o homem da capa azul.

O Papa aponta seu dedo para o homem.

PAPA PIO III

Vá com o Navegador. Em Lisboa, embarque nesta tal... como se chama mesmo?... Ah! Sim! Caravela!... A viagem será totalmente secreta... A caravela cruzará os mares abissais e chegará às terras incógnitas...

O homem de capa azul desaparece.

MONSENHOR FELIPO

Vossa Santidade deveria pensar mais sobre o caso... Proclame um conclave, por exemplo. Congregue os teólogos, os cardeais, e proponha uma reflexão. O assunto é demasiado sério para ficar em nossas mãos.

PAPA PIO III

Não. Tomei uma gloriosa decisão! (*Pausa*) Por direito divino, devo ser o primeiro a saber até onde os navegadores portugueses chegaram! (*Pausa*) E o Monsenhor será os meus olhos e meu discernimento... Irá julgar e avaliar o verdadeiro significado da descoberta... E nos trará a resposta.

MONSENHOR FELIPO

Perdão, meu Deus... Mas este critério pertence somente a Vossa Santidade... Me ultrapassa totalmente. Sou um simples Monsenhor!

Silêncio.

PAPA PIO III

O anel! De posse do meu anel está assim delegado todo o meu critério e santidade. Para um simples Monsenhor! (*Pausa*) E que assim se cumpra! Amém!

O Papa vai saindo.

MONSENHOR FELIPO

Vossa Santidade! Um pedido... Gostaria de levar meu sobrinho comigo!

O Papa pára e se gira.

Silêncio.

PAPA PIO III

Agora fica tudo por conta de seu santo critério... Amém.

Cai a Luz.

CENA 11 - MONSTROS E DEMÔNIOS DOS MARES PROFUNDOS

NA CARAVELA

ALTO MAR NOITE

Uma tempestade em alto mar. Raios cruzam o espaço e trovões explodem.

Um enorme pano desce sobre parte do palco, dando forma à caravela. O pano se agita e esvoaça aflito tentando vencer a fúria dos ventos.

Aparece o homem de capa azul (o Navegador). Junto dele vemos Monsenhor Felipo e agarrado a suas pernas está Francisco, fraco, caído e abatido.

Os personagens falam aos berros.

MONSENHOR FELIPO

A caravela está se partindo! Vamos naufragar!

NAVEGADOR

Ainda não! Reza, Monsenhor! Reza... Deus é grande!

MONSENHOR FELIPO

Quanta fúria! Quanto vento! Que mar impiedoso!

NAVEGADOR

Estamos na travessia maldita! No mar do Demo que circunda as Terras Incógnitas... Reza! Reza!

MONSENHOR FELIPO

Quanto tempo ainda falta?

NAVEGADOR

O tempo agora não tem mais valor, Monsenhor. Até as estrelas são outras... O firmamento é diferente... A caravela navega sem rumo nem timão.

Francisco perde suas forças e vai soltando a perna do Monsenhor.

MONSENHOR FELIPO

Francisco... Segure-se! Francisco... Não solte a minha perna! Segura!

NAVEGADOR

Abre a boca dele! Olha se não está cheia de sangue!?

Monsenhor se abaixa e abre a boca de Francisco -Uma golfada de sangue desce pelo queixo do menino.

MONSENHOR FELIPO

Muito! Muito sangue! Mas o que é isto? Que doença é esta?

NAVEGADOR

Não é doença! É o escorbuto! O escorbuto! É o demônio da vingança que entra no corpo de muitos que ousam atravessar o mar abissal... Reza, Monsenhor. Reza... Por que o menino vai morrer com a alma condenada.

Monsenhor começa a rezar em voz baixa. Subitamente, a tempestade cessa. Tudo se acalma.

MONSENHOR FELIPO

Francisco... Ele ainda está vivo... Agoniza... Francisco... Pobre, Francisco... Abra os olhos... Veja... Amanhece.

Luz mais intensa.

Amanhece.

NAVEGADOR

Atravessei! Consegui atravessar de novo! (*Apona para a platéia*) Olha lá a grande pedra! Tão esquisita, não é? Ali começa a Terra Incógnita... Ninguém nunca foi lá... A caravela baixa âncora aqui, como ordenou o rei de Portugal.

Monsenhor segura Francisco nos braços.

MONSENHOR FELIPO

Francisco, chegamos... Olha o sol... Tudo azul... Quente... Francisco... Não morra...

NAVEGADOR

(*Dando uma ordem*) Preparem o bote para o Monsenhor! (*Para Felipo*) Não vai jogar o corpo do menino no mar?

MONSENHOR FELIPO

Não. Vou enterrar Francisco na Terra Incógnita.

Cai a Luz.

CENA 12 - ENTRE DOIS MUNDOS

NO VATICANO E NAS TERRAS
INCÓGNITAS

VATICANO TERRAS INCÓGNITAS DIA

Ação se passa concomitantemente no Vaticano e nas Terras Incógnitas.

Assim, metade do palco torna-se Vaticano e a outra metade, a do pano da caravela, Terra Incógnita.

Abre-se no Vaticano.

A Abadessa grita e chora.

ABADESSA

Morreu! O Papa morreu! Sua Santidade o Papa Pio III morreu...

Entra o Cardeal Della Rovera com suntuosa taça de prata nas mãos.

CARDEAL DELLA ROVERA

Ah! É?! E que revelação fez antes do último suspiro? O que foi que Sua Santidade disse?

ABADESSA

“Estou com frio”, disse ele.

CARDEAL DELLA ROVERA

Realmente, uma frase inesquecível já que estamos em pleno inverno.
(*Levanta a taça*) Mais vinho! Que se convoque todos os Cardeais para a escolha do novo Papa!... Quem será, meu Deus?! Quem será?!

NAS TERRAS INCÓGNITAS

O Pano que serviu de vela para a caravela é iluminado com várias cores.

Monsenhor está ajoelhado junto a Francisco, que agoniza no chão.

MONSENHOR FELIPO

Pena que você não possa ver, Francisco... Um arco-íris... Que lindo... É deslumbrante... A montanha se cola ao mar em caprichosa geografia... Não... Não... Não é o mar... É um rio! Um rio! O mais caudaloso dos rios! O nunca visto!

Escuta-se o som surdo e intenso de um daqueles longos instrumentos musicais indígenas (parecem flautas compridíssimas e grossas ou retilíneas tubas)

MONSENHOR FELIPO

Escutou?! Francisco! Escuta! São trombetas... As trombetas do Senhor!... Não pode ser. Deve ser um delírio... Febre. Tenho febre... O tal demônio me atingiu também...

O pano que reflete as luzes multicoloridas cai por trás de Felipo e Francisco.

Temos, então, uma imagem fantástica, maravilhosa e surpreendente - são os índios brasileiros na visão sonhadora de Felipo.

O grupo é composto por dois homens e duas mulheres. Seus corpos brilham e estão esfuziantemente pintados. Cada um deles incorpora uma cor - o azul, o vermelho, o amarelo e o branco. Usam de ornamento algumas penas coloridas. Estão praticamente desnudos (vê-se seus órgãos genitais) e seus pêlos totalmente raspados.

Um dos índios sopra pela enorme tuba e emite novo som em surdo. A atitude do grupo é de curiosidade e surpresa.

Felipo vai abrindo a batina

MONSENHOR FELIPO

Que calor!... Calor e estamos em janeiro! Calor... A eterna primavera...

NO VATICANO

A abadessa entra feliz.

ABADESSA

Já temos Papa! Um novo Papa! (*Muda de intenção*) E a fumaça branca?... Por que não soltam a fumaça branca?... Quem será o Papa?... Que mau agora... Monsenhor Felipo! Felipo! Que saudade!

A Abadessa se retira.

Luz sobre o Cardeal Della Rovera que veste uma simplíssima bata branca. Ao seu lado vemos Tomás e Camilo.

Tomás tem nas mãos espalmadas um surrado e velho par de sandálias de couro e Camilo um maltratado cajado de madeira.

Ambos, com respeito e solenidade, mostram os respectivos objetos ao Cardeal Della Rovera.

TOMÁS

O Cardeal aceita calçar as sandálias de Pedro, o pescador?

CAMILO

O Cardeal aceita segurar o cajado de Paulo, o pregador?

Silêncio.

O Cardeal está sério, perplexo, triste e algo atônito.

CARDEAL DELLA ROVERA

... Fui o escolhido... Papa...

TOMÁS

Aceita?

CAMILO

Não aceita?

CARDEAL DELLA ROVERA

Posso... Não posso aceitar... O encargo... Agora vejo claramente... O que é ser Papa... Oh! Deus! Por que me deixaste chegar onde cheguei?!... Não mereço... Sou um hipócrita... Um dissimulado, indigno... Será que ninguém percebe que eu não posso ser Papa?!

TOMÁS

Calça as sandálias do pescador!

CAMILO

Levanta o cajado de Paulo!

CARDEAL DELLA ROVERA

(Cada vez mais emocionado) Não sou um servo de Deus!... Sou um escravo da malícia! Um ser inferior! Fingi respeitar a hierarquia da igreja... Tive ânsias ao beijar a mão dos poderosos, mas beijei... Zombei das idéias alheias e até da fé... Sempre destrutivo... Nunca agradei cada pão que comi, nem chorei por amor... Diga, Senhor, eu mereço ser Papa?... Torturei homens e animais sem nenhuma necessidade... Porque tudo e todos me parecem insignificantes frente à minha nefasta volúpia!... E... A sandália é tão surrada e velha... E o cajado... Tão maltratado... *(Chora)* Como um ser como eu pode zelar por tão delicados e sublimes objetos?... *(Chora)*.

NAS TERRAS INCÓGNITAS

Os silvícolas circundam Monsenhor Felipo em um mágico semicírculo.

Batem, delicadamente, com os pés no chão, em ritmada cadência e emitem compassado som em uníssono.

Os movimentos corporais são lentos, algo estilizados e de refinada beleza. A atitude do grupo é um misto de curiosidade e medo.

MONSENHOR FELIPO

(Emocionado) Oh! Oh! São as criaturas do Senhor!... Os anjos na Terra!... Serafins, vermelhos... Querubins, azuis... As penas. Penas coloridas... Oh! Que glória! Gloria in terris! In orbis! *(Chora)* Oh! Senhor! Fui o escolhido! Deo gracias! O escolhido! Aquele marcado para revelar seu horto!

Um índio (Serafim) mais atrevido, se aproxima do Monsenhor segurando um coco marrom e cabeludo.

ÍNDIO SERAFIM

(Através de um falar desconhecido e sem nexos, ele transmite angústia pelo estado do menino e, depois, explica a cura através do coco).

MONSENHOR FELIPO

Oh! Oh! Sim. Sei que a língua que falam é incompreensível aos humanos. Veja meu crucifixo (*Mostra*), sou um servo do Senhor... Serafim! Poderoso anjo! Rogo que com seus poderes celestiais restitua a vida do meu sobrinho Francisco.

O índio Serafim mostra um coco para Felipo.

MONSENHOR FELIPO

O que é isto?! Um animal?!... Esférico... Marrom e cabeludo... Serafim, o que deseja de nós?

O índio abre o coco no rosto de Francisco, que bebe sofregamente a água.

MONSENHOR FELIPO

Um fruto?!... O fruto do bem... Uma água milagrosa... A árvore da vida... Sim! Francisco! Nós estamos no Éden! No horto do Senhor!

Francisco balbucia algumas palavras e, com a mão, bebe mais água-de-coco.

MONSENHOR FELIPO

Francisco, você está vivo! Milagre! Bebe mais. Mais. Mais. Mais. É a água da vida!

NO VATICANO

Voltamos ao Cardeal ladeado por Tomás e Camilo.

TOMÁS

As sandálias do pescador, aceita?

CAMILO

O cajado de Paulo, aceita?

CARDEAL DELLA ROVERA

Por favor, Jesus, não me faça sofrer mais... Demonstre a todos que minha escolha foi um equívoco sem luz... Faça com que o tempo volte atrás!... *(Longa pausa)*... Não!... Não!... Não!... O Divino é luz, é perfeição... E jamais erra... Pois se Deus assim quis, assim será! Serei Papa sim! Com todo o maldito que tenho! Foi esta a escolha do Espírito Santo, não foi? *(Pausa)* Deus! Se quiser, esprema, gota a gota, tudo aquilo que sou e que não sirva aos seus divinos propósitos... Faça, se quiser, que por estas veias não corra mais o meu sangue... E sim aquele escolhido pelos céus!... Faça de mim o que quiser, Senhor!... Mas, lhe rogo, lhe suplico... Faça de mim um verdadeiro e inesquecível Papa.

O Cardeal toca as sandálias e o cajado com as pontas dos dedos.

NO VATICANO E NAS TERRAS INCÓGNITAS

Os índios continuam a bater os pés, cada vez mais forte em ritmada cadência.

Uma espessa fumaça branca envolve o Cardeal.

Entra a Abadessa rodopiando pelo palco.

ABADESSA

Fumaça branca! Fumaça branca! Temos Papa!

Francisco abraça a cintura do tio.

Felipo, ajoelhado, com os braços abertos e o tórax descoberto, declara emocionado:

MONSENHOR FELIPO

Senhor! Deo gracias! Agradeço a glória de, em vida, ter sido o primeiro humano a pisar no Paraíso Terrestre!

CARDEAL DELLA ROVERA

Deo gracias! Senhor! Agradeço a glória de ter sido o escolhido pelo Espírito Santo para ser o “rei dos reis na Terra”!

A fumaça branca e os índios dançando tomam conta de todo o palco. A iluminação é intensa e multicolorida. O compassado som em uníssono emitido pelos silvícolas é agora muito mais alto.

A Abadessa rodopia.

CARDEAL DELLA ROVERA

(Alto) Sou o Papa Júlio II!

MONSENHOR FELIPO

(Alto) Descobri o Paraíso!

Silêncio súbito.

Todos estáticos.

Cai a Luz.

FIM DO PRIMEIRO ATO.

CENA 13 - O ENIGMA DAS CAIXAS

APOSENTOS DO PAPA JULIUS II

VATICANO DIA

Luz sobre o Papa Julius II sentado numa cadeira de estilo romano (não é um trono). Ao seu lado vemos Camilo e Tomás, e, ajoelhada, a Abadessa.

A Abadessa toca seu pequeno sino de prata.

PAPA JULIUS II

E para que serve o sininho?

ABADESSA

Para interromper reuniões, iniciar conversações, marcar o início e o término das refeições, dividir o tempo em atenções... Santidade.

PAPA JULIUS II

Ah, é?... Parece-me um expediente fabuloso, Abadessa... Aliás, tudo o que me explicou é de imenso valor. Claro está que não posso prescindir de seus serviços... A Abadessa conhece toda a rotina papal e é cuidadosa em todos os detalhes...

ABADESSA

Obrigada, Santidade!

PAPA JULIUS II

Portanto, a Abadessa continuará exercendo as funções de Governanta Papal! (*Pausa*) Que assim se cumpra!

Tomás e Camilo se entreolham admirados.

TODOS

Amém!

ABADESSA

Obrigada, Santo Padre. Vossa Santidade é um rio de bondade!

PAPA JULIUS II

(*Em pé, furioso*) Ah! Jamais pronuncie esta frase! Não sou rio, nem mar, nem bosque de merda nenhuma! (*Pausa*). O Papa Pio III, o idiota bondoso, está morto e enterrado! E eu odeio - entenderam bem? -odeio estas frases figuradas, aparentemente suculentas e adocicadas com adulação, mas cujo conteúdo é comparável ao de um barril de vinho vazio!... em outras palavras, estas frases não significam nada para mim, porque me considero uma pessoa prática. (*Pausa.*) Prática, Abadessa... Então, ao trabalho, Governanta!... Onde está o anel papal?

ABADESSA

Na caixinha do anel, Santidade!

Camilo abre uma caixinha forrada de veludo e vemos que está vazia.

PAPA JULIUS II

Vazia... Onde está a correspondência do antigo Papa com o Rei de Portugal?

Tomás abre uma caixa grande forrada de veludo que também está vazia.

ABADESSA

... Na caixa dos pergaminhos...

PAPA JULIUS II

Vazia... Ou melhor, estes documentos foram queimados... Porque, Abadessa?

ABADESSA

... Não sei, Santidade!

PAPA JULIUS II

E o Monsenhor Felipo, para onde foi? Onde está Francisco? E o Navegador, Abadessa, em que mares navega?

ABADESSA

Se me permite, Santidade, uma sugestão... Porque não escreve uma carta ao Rei de Portugal?... Só ele será capaz de responder suas perguntas, já que esta matéria era assunto privado entre o referido rei e o falecido Papa.

PAPA JULIUS II

Ah! É??... Oh, como não pensei nisto antes?!... que bela sugestão!
(*Pausa. Para Camilo*) Camilo, leia a mensagem do Rei de Portugal!

CAMILO

Infelizmente não há mensagem do Rei de Portugal, Santidade! De acordo com o emissário embaixador, sua majestade o Rei de Portugal se encontra num estado de profunda depressão e está encerrado numa

torre.

Julius II se aproxima da Abadessa e esta se levanta.

PAPA JULIUS II

De pé, Abadessa! (*Julius II fala baixo*) Meu medicocirurgião, o prof. Giovanni di Vigo é especialista em decepar protuberâncias do corpo humano, tais como: testículos, pênis, tetas, seios, etc... (*Pausa. Alto*) Agora me conte, Abadessa, Monsenhor Felipo foi ao encontro de quê? Do Santo Graal? Da Arca de Noé? Da Coroa de Espinhos de Jesus? Vai aparecer aqui com um anjo engaiolado?

ABADESSA

Não sei, Santidade! (*Chora*) Não sei... Não sei, Santidade!

A Abadessa sai correndo e chorando. Cai a Luz.

CENA 14 - A SURPRESA DO SEXO DOS ANJOS

UMA NOITE NO PARAÍSO

PARAÍSO NOITE

Luz tênue sobre Monsenhor Felipo e Francisco que estão ao redor de uma fogueira pequena de onde provém a luz. A pequena fogueira ou fogareiro está ardendo entre umas pedras. (Não há fogo real, só a ilusão do fogo) .

Monsenhor Felipo, junto à luz, escreve num pergaminho, usando uma pena e tinteiro.

Francisco canta parte da Ária (Cantilena) Adágio, Bachianas Brasileiras nº 5, de Heitor Villa-Lobos.

Ambos estão livres de parte da roupa que usavam, já que faz calor. Instantes.

MONSENHOR FELIPO

(Escrevendo) As noites são cálidas e puras... Não há ventos... Só brisas de perfumes, de aromas... O paraíso terrestre é muito mais esplendoroso do que se podia imaginar.

Francisco pára de cantar.

FRANCISCO

Não mudou nada. Está igual... Perfeito.

MONSENHOR FELIPO

Aqui tudo é perfeito, Francisco.

FRANCISCO

Me refiro à minha voz, tio... Sua Santidade, o Papa Pio III, ficará contente em escutá-la de novo...

MONSENHOR FELIPO

Mais que contente. Será a glória para a Igreja. Para todos nós... Pense bem, tudo isto aqui representa a prova material de que as Escrituras e a Bíblia não se enganaram, que tudo é verdade... (*Longa pausa*) Ao mesmo tempo, um enorme problema teológico se coloca, não sei se me entende, presta atenção: o Paraíso Terrestre existe, já que nele estamos... O quê isto quer dizer?... Que, por conseguinte, libertou os homens da culpa do pecado?... Então tudo e todos estão perdoados?... Enfim, qualquer ser humano pode se sentar aqui e desfrutar do Paraíso?!... Mas por quê?... O que aconteceu?

Silêncio.

FRANCISCO

Deus mudou de idéia!

MONSENHOR FELIPO

Não, Francisco, Deus não muda de idéia assim... Tudo é muito mais profundo do que você imagina!... Teremos que rever o significado da morte de Cristo na cruz... Afinal, Ele morreu para redimir toda a humanidade... E, de repente, não necessitamos mais da Redenção de Cristo!... É tudo muito complexo... E o conceito do Juízo Final? Para onde vai?... Se o Juízo Final ainda não aconteceu, por que as portas do Paraíso se abriram?... Deve haver alguma explicação...

FRANCISCO

Vou cantar de novo. É melhor, tio. Porque se continuar a falar assim, o tio vai ter uma dor de cabeça...

MONSENHOR FELIPO

Chega de cânticos! Você ainda está muito fraco... Coma a carne branca e beba da água santa.

Francisco se abaixa e segura dois cocos.

FRANCISCO

Afinal, isso é um bicho ou é uma fruta? Tem carne branca de peixe e não é peixe. Tem gosto de fruta e pêlo de bicho... Coisa esquisita. O que é isto?

Monsenhor Felipo mostra um abacaxi.

MONSENHOR FELIPO

E isto aqui? Com a coroa da virgem e a pele do demônio... É um mundo diferente... Assim é o Paraíso, Francisco... Nos revela a cada instante uma nova maravilha... Em minha mente, só encontro perguntas, e nenhuma resposta.

Silêncio.

FRANCISCO

Então, por que não pergunta aos anjos, tio?

MONSENHOR FELIPO

É inútil. Já expliquei. Eles se expressam em outra linguagem.

FRANCISCO

Mas eles salvaram a minha vida... O tio disse que lhes rogou em latim pela minha vida e eles me ressuscitaram “com esta coisa esquisita” ...
(*mostra o coco*) De algum modo eles entenderam o seu pedido...

Silêncio.

MONSENHOR FELIPO

Ah, sim! Pode ser... Existe uma hipótese! Onde eles estão?

FRANCISCO

Os anjos?... Foram ver a Virgem, o Cristo, estar com Deus... Foi isto que o tio disse... Porque disse também que os anjos não dormem.

MONSENHOR FELIPO

Não é nada disso, Francisco! Eu te expliquei que os anjos se recolhem ao redor da Árvore do Bem e do Mal. Foi ó isto. E, por favor, não seja desrespeitoso com a figura de Jesus Cristo, porque eles não vivem aqui no Paraíso... Vivem no cosmo! No céu! No eterno!

Silêncio.

Monsenhor Felipo retoma a escrita.

MONSENHOR FELIPO

(*Escrevendo*) Esta hipótese é muito interessante... Os anjos se comunicam também através do pensamento. Assim fica tudo explicado.

FRANCISCO

Pensamento... E como que é isso, tio?

MONSENHOR FELIPO

(Escrevendo) É só uma hipótese!

Neste instante o praticável se ilumina de uma tênue luz esverdeada. Vê-se silhuetas de corpos (uns cinco), e, em pé, recebendo mais luz, um casal de aborígenes copula de modo estilizado e suave. O ato sexual deve ser delicado e belo, quase insinuado.

Francisco, extasiado, vê a cena. Felipo continua escrevendo.

FRANCISCO

Tio... Tio... Estou vendo... Uma hipótese...

MONSENHOR FELIPO

(Escrevendo) Cala a boca, Francisco! Esquece tudo isso!

Silêncio.

FRANCISCO

Tio... Tem anjo homem... anjo mulher... E eu não tenho nada... O que é que eu sou, afinal?

Silêncio.

Felipo pára de escrever, vai levantando sua cabeça, muito devagar.

MONSENHOR FELIPO

Francisco... Ponderei muito sobre esta maldade... Como já sei que os anjos fazem milagres... e que existe uma hipótese de comunicação mental entre nós... Talvez os anjos possam fazer algo... Mas também

me pergunto para que necessitamos do sexo se estamos no Paraíso, Francisco?

Felipo acaba de levantar a cabeça e vê a cena de amor no praticável.

Felipo e Francisco observam, perplexos.

Depois de uns instantes, Felipo agarra Francisco com as mãos e esconde o rosto.

MONSENHOR FELIPO

Oh, meu deus! Os órgãos sexuais dos anjos não são ociosos!

O casal de aborígenes continua copulando.

Instantes.

Cai a luz..

CENA 15 - A TERRÍVEL IDÉIA DE UM ARTISTA IMORAL

NA CAPELA SISTINA

VATICANO DIA

Luz sobre o Papa Julius II que caminha devagar pela Capela Sistina (isto é, caminha por debaixo do praticável que está apagado). É seguido, em solene silêncio e, à distância, por Tomás e Camilo.

Ao fundo, vemos uma cruz de madeira negra e, junto a ela, dois vultos imóveis.

PAPA JULIUS II

... Quando acordei esta manhã... uma espessa neblina esfregava seu focinho na vidraça... Abri a janela... Como uma língua, a desgraçada da neblina se insinuou pelos recantos do meu quarto lambendo o chão... Depois resvalou pela parede, veio contra mim e se enroscou, tal serpente, em torno dos meus pés... Esperei!... Esperei!. Até que ela adormeceu... Para, em seguida, morrer sem alarde... num charco invisível de gotinhas d'água!

TOMÁS

Oh! Que neblina mais ameaçadora, Santidade!

CAMILO

Será um sinal de mau agouro?

PAPA JULIUS II

Ah, não! Nada disto de agouros... Era só o faltava: um Papa ter presságios!... Por acaso pareço uma beata histérica e menstruada?

TOMÁS E CAMILO

(Em uníssono) Efetivamente, não, Santidade!

Silêncio.

PAPA JULIUS II

A neblina me ensinou que devo tomar uma decisão... Uma nova atitude frente à misteriosa viagem de Monsenhor Felipo... Não vou esperar mais: vou matar a víbora antes que se enrole nos meus pés.

CAMILO

Perdão, Santidade... A neblina, o Monsenhor Felipo... Sua nova e sábia decisão...

TOMÁS

Atitude, Camilo!

CAMILO

A atitude, a decisão, ou o que seja... Enfim, juntando tudo isto, nada faz sentido.

PAPA JULIUS II

Tudo faz sentido!... Um ingênuo e frágil neblina morre aos meus pés... Mas tudo poderia ter ocorrido de outra forma... A fria umidade poderia ter se entranhado pelos poros de minha pele, invadido os ossos, subido

pelo tutano até alcançar os pulmões... E num angustiante fim, afogar minha respiração!

TOMÁS

E então, Vossa Santidade espirrava. Atchim! E estava tudo acabado. Lá se foi a umidade.

PAPA JULIUS II

(Ameaçador) Ah, é? Atchim!? E ... lá se foi a umidade? Foi isto o que disse, foi? Ah, foi!

Tomás, assustadíssimo, ajoelha-se.

TOMÁS

Perdão, Santidade, não queria, de nenhuma maneira, perturbar ou destruir o cristalino raciocínio do meu Santo Padre.

PAPA JULIUS II

(Com raiva) Espirrava, merda nenhuma! A umidade poderia ter-se transformado num catarro viscoso e violento, que me mataria! *(Longa pausa)* Será que ninguém se dá conta que pouco me interessa que Felipo traga o prepúcio mumificado de Jesus, a cabeça seca de São João Batista ou a cabeleira ruiva de Madalena! *(Pausa)* Estas descobertas são objetos de culto, simples relíquias... que só enaltecem a Igreja e o Papado... Não!... Pio III meteu sua mão no fogo por algo muito ameaçador... terrível mesmo... E o que pode ser? O quê?... A morte da Igreja!... *(Camilo e Tomás reagem, perplexos)* Agora compreendem o raciocínio? Pio III aspirou a glória por sentir-se o último dos papas!

CAMILO

Neste caso, Santidade, seu papado é sua glória...

PAPA JULIUS II

Nunca alcançarei a glória... E meu papado jamais será reconhecido pela história de Deus ou dos homens!

TOMÁS

Mas que descoberta é esta que pode ser tão destruidora assim?

CAMILO

Que objeto mortal foi descoberto por Felipo? Um pacto com o demônio?

PAPA JULIUS II

Uma neblina... feita de gotículas invisíveis e infiltrantes... O objeto mais perigoso que existe: uma idéia!... Um novo conceito!

Silêncio.

CAMILO

Felipo descobriu uma idéia? Um novo credo?! Novo conceito?... Mas... Santidade, como se luta contra uma idéia?

PAPA JULIUS II

Só há um caminho: idéias contra idéias. Só uma idéia é capaz de vencer outra idéia.

Silêncio.

Luz intensa sobre a cruz. Vemos agora os dois vultos: o primeiro, um homem, veste um manto de cor verde-esmeralda com capuz; o segundo, um jovem forte e belíssimo, leva nas mãos diversas e vastas peças de tecidos brilhantes (acetinados), cada uma delas com uma cor.

A aparição dos dois homens aos pés da cruz, além de sua beleza estética, deve causar uma certa estranheza e expectativa. Entra a Abadessa e toca o sininho.

ABADESSA

(Alto) Que entre Miguel Ângelo!

CAMILO

Um artista, Santidade?

PAPA JULIUS II

Só a arte é capaz de expressar a mais perfeita das idéias, Camilo.

TOMÁS

Miguel Ângelo?! Ele é um homem contra a natureza, Santidade! Deita-se com um mancebo como se fosse uma fêmea! É um louco!

PAPA JULIUS II

A loucura precede a arte!... A arte precede a verdade!... A verdade é Deus!... E Deus sempre precede a loucura... O caos!... É assim que gira o ciclo da criatividade, Tomás!

O homem com o manto e capuz verde-esmeralda, Miguel Ângelo, caminha até o Papa Julius II que, concomitantemente, traça com seu dedo no ar um círculo invisível e em espiral.

PAPA JULIUS II

Loucura... Arte... Ciência... Verdade... Deus... Loucura...

Miguel Ângelo ajoelha-se diante do Papa.

PAPA JULIUS II

Miguel, meu querido Miguel... Dizem que você não passa de um ser imoral...

Mas, todos se esquecem que os artistas são as únicas pessoas a quem é permitido ter seu próprio código moral!... tão peculiar o mundo dos artistas... Miguel, meu querido Miguel... Preciso tanto de sua arte, seus sonhos, suas idéias!... Que me importa sua conduta?... Vê?! Olha para cima!... O teto da capela Sistina!... Opaco... Cinza... Morto!... Te rogo, Miguel, que use toda a sua imaginação e que plasme sobre esta cúpula desnuda toda a síntese da humanidade! Do nascimento do homem ao seu total desaparecimento! Do Paraíso Terrestre ao Juízo Final!

Papa Julius II se abaixa e retira o capuz de Miguel Ângelo. Tomás, Camilo e a Abadessa retiram-se, atônitos.

Luz intensa sobre o Papa e Miguel Ângelo e, ao fundo, sobre o rapaz que segura os tecidos coloridos.

PAPA JULIUS II

Miguel... Faça com que todos os sentimentos se transformem em cores e que as aspirações de cada homem, em qualquer época estejam aqui refletidas!... Quero sentir na pintura imóvel... o contínuo movimento de Deus!... Quero luz, energia e o Eterno!

O Papa Julius II aproxima sua boca da testa de Miguel Ângelo.

PAPA JULIUS II

Miguel, só a arte pode vencer a realidade!... Por isso, exijo que o sonho de sua pintura ultrapasse todos os sentidos! *(Pausa)* E que todo aquele que aqui pisar, não perceba que foi capturado pela ilusão do Divino! *(Pausa)* Não! Exijo mais!... Quero que esta capela se transforme no Santuário da certeza!... Certeza de que só aqui se encontrará a total presença de Deus! E de que, somente neste lugar, seu absoluto poder se permitirá revelar em esplendorosa glória! *(Pausa)* Será capaz, Miguel?... Capaz... Deo gratias!

O Papa Julius II beija a testa de Miguel Ângelo.

Cai a luz..

CENA 16 - A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES

AMANHECE NO PARAÍSO/CAPELA
SISTINA

VATICANO DIA

PARAÍSO

Luz cresce sobre o praticável.

Vemos uns oito aborígenes-anjos (quatro mulheres e quatro homens) com seus corpos muito menos tingidos (serafins em vermelho, querubins em azul) cobertos com poucas penas coloridas (e continuam praticamente desnudos, como no 1º ato).

Suas vozes emitem, em uníssono, um som compassado e sustentado que, pouco a pouco, ganha amplitude e intensidade.

O movimento de seus corpos desenha em beleza uma espécie de dança ritual estilizada, descrita através de lentos movimentos. Sempre precisos, caprichados e lânguidos.

Eles dançam felizes, talvez em homenagem ao dia que inunda de radiante luz o praticável.

O praticável é ladeado por duas escadas: por uma delas sobe o Monsenhor Felipo, seguido por Francisco, que leva nas mãos frutos enrolados em folhas de bananeiras; pela outra escada sobe Miguel Ângelo (sem sua capa) acompanhado de seu jovem assistente que carrega as peças de tecidos acetinados e coloridos.

A capa verde-esmeralda foi largada por Miguel Ângelo e estendida no chão, bem embaixo do praticável.

Monsenhor Felipo e Francisco chegam ao praticável, os anjosaborígines param de cantar e adquirem uma atitude de certo receio e passam a cochichar entre si.

FRANCISCO

Tio!... Tio!... O cântico dos anjos é muito esquisito! Não tem melodia, nem variações... não é assim que se canta no Vaticano.

MONSENHOR FELIPO

Então, no Vaticano se canta errado! Porque este é o verdadeiro canto dos anjos! E não se esqueça que foi o próprio Deus que ensinou aos anjos esta divina cantoria.

FRANCISCO

Coisa mais sem graça...

MONSENHOR FELIPO

Pois é assim que Deus gosta! E você deveria aprender este canto, porque quando voltarmos, todos vão querer ouvir... e conhecer a verdadeira música do Senhor!

O mesmo tímido serafim da cena 12 do 1º Ato, o mais atrevido, se aproxima de Monsenhor Felipo.

MONSENHOR FELIPO

Oh, venerado serafim! Que o Senhor esteja contigo!

ÍNDIO-SERAFIM

(Emite curtos sons de fora interrogante).

MONSENHOR FELIPO

Sim! Viemos agradecer embevecidos os frutos e animais aromáticos que foram deixados aos nossos pés por uma legião de querubins!

Uma índia-querubim (com penas azuis) se aproxima de Francisco e toca-lhe docemente a face com as pontas dos dedos.

FRANCISCO

Tio!... Tio!...

Monsenhor Felipo abre a folha de bananeira e vemos pedaços de melancias, cajus, jabuticabas e maracujás.

MONSENHOR FELIPO

Ah! O horto do Senhor é realmente extraordinário! Nos alimentamos destas carnes coloridas, doces e cruas, que não precisam ser assadas ou cozidas, mas que nos nutriram de maneira ideal e prazerosa.

A índia-querubim afaga Francisco.

O índio-serafim nota o comportamento da índia-querubim e se irrita.

ÍNDIO-SERAFIM

(Emite curtos sons de forma agressiva).

A índia-querubim se afasta, aflita.

MONSENHOR FELIPO

Que foi agora, Francisco?

FRANCISCO

Não fiz nada, tio! A anja-querubim estava me apalpando...

MONSENHOR FELIPO

Claro! São anjos! Seres diferentes! Já devem ter intuído que alguma coisa está errada no seu corpo, Francisco.

Concomitantemente, Miguel Ângelo e seu assistente caminham por entre os anjos-aborígenes como se não existissem ou fossem invisíveis. Depois, Miguel Ângelo, sempre pensativo, senta-se e começa a tocar os tecidos, para, em seguida, começar a estendê-los, torcê-los e esfregá-los aflito, em torno de sua cabeça e do próprio corpo. O assistente, sempre ao lado de Miguel Ângelo, passa-lhe os tecidos e atende o mestre em sua crise corporal-motora-criativa.

MONSENHOR FELIPO

Ah!, venerado Serafim! Quantas perguntas e indagações tenho em minha mente... Por favor, me responda: qual destes alimentos exóticos nasceu diretamente da Árvore do Bem e do Mal?... Onde está a Árvore do Bem e do Mal?

Felipo mostra os frutos ao índio-serafim.

ÍNDIO-SERAFIM

(Emite sons longos, de forma pensativa, calma e pausada).

MONSENHOR FELIPO

Observe, Francisco. Está pensando! Algo vai acontecer!

FRANCISCO

Será que agora vai se realizar o milagre?

MONSENHOR FELIPO

Que milagre?

FRANCISCO

O tio se esqueceu? Se vou virar homem ou mulher? O que vou ser! O milagre...

Francisco se adianta, avança rápido e levanta a túnica que veste em frente aos anjos-aborígenes.

MONSENHOR FELIPO

Não, Francisco! Pára! Não se adiante!

De nenhuma maneira o público vê a genitália de Francisco, somente os anjos-aborígenes a vêem.

Os anjos-aborígenes ficam perplexos, atônitos, admirados e exclamam em uníssono frente a tão perturbadora visão.

Todos ficam estáticos no praticável, à exceção de Miguel Ângelo, que se contorce, envolvido nos tecidos.

Luz sobre Camilo e Tomás que debaixo do praticável observam Miguel Ângelo.

CAMILO

Lá está ele! Ué, Tomás! Se esfregando nas tintas, se besuntando nas cores. Parece um porco!

TOMÁS

É a tal crise da imaginação... se contorce, grita, delira... Chega até a espumar... Comenta-se que Miguel Ângelo tem os ataques porque está torcendo sua imaginação.

CAMILO

Isto para mim é doença!

Luz se apaga sobre Tomás e Camilo.

O movimento entre Felipo, Francisco e os anjos-aborígenes reinicia.

Felipo tenta baixar a túnica de Francisco, que teima em deixá-la suspensa.

MONSENHOR FELIPO

Abaixa isso, Francisco! Já! Chega! Não se precipite.

FRANCISCO

Não! Não! Não! Deixa eles verem! Deixa... Olha!

Olha! Vê bem!

Um dos anjos-aborígenes (índio-querubim) aproxima-se, curioso, e faz um movimento lento com o braço e dedo em direção à genitália de Francisco.

Felipo pára. Francisco levanta ainda mais a túnica, mostrando seu sexo decepado para os anjos-aborígenes.

MONSENHOR FELIPO

Oh, piedoso Querubim! Por acaso, ontem à noite, percebi que o sexo dos anjos não é inativo...

Miguel Ângelo pára de contorcer-se e seu assistente dá-lhe um tecido usado.

Dois anjos-aborígenes (índio-querubim e índio-serafim), aproximam-se de Francisco e começam a apalpar e tocar o menino. Estão embevecidos com a genitália anódina.

MONSENHOR FELIPO

... O que me custou muito acreditar... Mas, se assim for... Rogo que os poderes angelicais restituam algum sexo ao nada do meu sobrinho.

Concomitantemente, Miguel Ângelo envolve o anjo-aborígine de braço e dedo estendidos com o tecido rosado... O homem permanece estático com seu dedo apontado. Depois, sempre ajudado por seu assistente, retira as penas e um pouco das pinturas, leva-o até a

borda do praticável e ali os deita. Ajeita seu corpo, postura e atitude até que o homem apareça e insinue “a figura de Deus com seu dedo apontado e criando o homem” como se vê no teto da Capela Sistina.

Luz em penumbra nessa parte do praticável. Os dois anjos-homens-aborígenes-querubim e serafim envolvem Francisco num abraço e começam a arrastá-lo para uma zona escura do praticável, ou ainda melhor, para fora deste.

FRANCISCO

Tio! Tio! Tio! Me salve! Os anjos estão me agarrando! Tio! Me levam para não sei aonde! Tio!

Felipo está perplexo, não sabe o que fazer, quando duas anjasaborígenes se agarram a ele, forçando-o a olhar para baixo.

MONSENHOR FELIPO

Calma, Francisco! Calma! Obedeça aos anjos! São as criaturas do Senhor! Eles sabem o que estão fazendo! São seres inofensivos! Vai em paz! É a hora do milagre! Francisco!?... Francisco!...

Francisco e os anjos desaparecem.

Neste instante, Miguel Ângelo enrola um rapaz aborígine com um tecido branco e o faz deitar, com um braço, mão e dedo estendidos em direção ao homem-“Deus”, já colocado; completa assim a pintura “a criação do homem”. Mas esta zona do praticável também se apaga rapidamente e não vemos nitidamente como ficou a “pintura”.

Todo o trabalho-“pintura” (aprisionamento pelos tecidos) de Miguel Ângelo é sempre seguido por um apagar de luzes focal e imediato. Assim, não se permite ao espectador ter a noção do geral, nem dos detalhes, da “obra do pintor”.

Por onde Miguel Ângelo trabalha e passa, as luzes se apagam, permitindo-se que o espectador tenha apenas a noção de vultos ou silhuetas estáticas envolvidas em tecidos e colocadas na borda do praticável.

Miguel Ângelo trabalha sem cessar. Já capturou com seus panos dois seres aborígines, e agora envolve mais dois seres anjos-aborígines e os transforma em outras figuras que compõem “a criação do homem no Paraíso”. Luzes se apagam de imediato neste local do praticável.

Concomitantemente, Felipo, envolvido pelas duas aborígines-querubins, é forçado a olhar para baixo. Elas parecem que querem atirar Felipo pela borda do praticável abaixo. Felipo resiste.

MONSENHOR FELIPO

Me larga! Me larga! O que é isto agora? (*Pausa*) Santas criaturas! Divinos espíritos femininos! Rogo que me expliquem! O que querem de mim? Não! Não! Ó Senhor, os anjos querem me atirar pelo precipício abaixo. Não! Por quê? Não! Os querubins querem me matar! Socorro!

Subitamente, uma luz em foco ilumina com perfeição e detalhe a capa verde-esmeralda que Miguel Ângelo deixou no chão.

Felipo pára extasiado e as aborígenes - querubins se acalmam. Luz se apaga totalmente no praticável.

Somente o foco sobre a capa verde-esmeralda se mantém. Silêncio.

CENA 17 - OS INCOVENIENTES NOTURNOS DA ARTE

NOITE NA CAPELA SISTINA

VATICANO NOITE

Escuta-se o sininho da Abadessa.

ABADESSA (OFF)

Sua Santidade, o Papa Julius II!

Entra o Papa Julius II que se coloca junto à capa verde-esmeralda largada e iluminada no solo.

É seguido por Camilo e Tomás que levam lamparinas de óleos acesas em brilhante fogo.

O Papa se agacha e toca a borda da capa.

PAPA JULIUS II

A capa está aqui... Onde ele se meteu?

CAMILO

É tarde... Provavelmente... dorme...

PAPA JULIUS II

Nos andaimes, será? (*Pausa*) O que estão esperando? Iluminem o teto e os andaimes!

No chão, vê-se as inúmeras penas coloridas que os anjos-aborígenes despiram ao serem transformados em pinturas.

Tomás e Camilo caminham sob o praticável, iluminando, aqui e ali. Papa Julius II levanta-se e também caminha sob o praticável, pisando sobre as penas.

PAPA JULIUS II

(Irritado) A capela virou uma pocilga!... manchas de tintas por todos os lados... *(Muda de intenção, carinhoso)* Miguel!... Meu querido Miguel! Por que vive adiando minha visita à capela?... pois esta noite tive insônia... E sabe de quem é a culpa? Sabe?... Miguel, você está aí por cima? Me escute!... A culpa é da curiosidade, Miguel... tive um ataque de curiosidade aflitiva e pensei... *(O Papa vê algo no praticável e sua voz se perde)*... Corre com a luz aqui! Anda, Camilo!

Camilo aproxima-se rapidamente com sua lamparina.

PAPA JULIUS II

O que é isto!? Ali! Vê?

CAMILO

... Parece ser um traseiro desnudo, Santidade!

Silêncio.

PAPA JULIUS II

Pois para mim, é um cu! Um cu arreganhado!... Será de alguma santa?... Meu Deus! Onde estava com a cabeça quando contratei este perverso?

Tomás ilumina alguma coisa do outro lado do praticável.

TOMÁS

Santidade! Santidade! Veja isto! Veja!

Papa Julius II e Camilo correm para o local onde está Tomás e param, perplexos.

Silêncio.

TOMÁS

Suponho, Santidade... Que esta genitália avantajada deva pertencer a Adão.

PAPA JULIUS II

É possível... Pelo tamanho... Quiçá... mas pela grossura e espessura me parece mais a coisa de Abraão!... Não foi Abraão que emprenhou... quatrocentas mulheres?... Pela extensão do colhão só pode ser de Abraão!

Papa Julius II, agora irado, caminha sem rumo por debaixo do praticável.

PAPA JULIUS II

Ah! O que vou fazer! Ah! Ah! Por que deixei me enganar! Todos me avisaram que os artistas, escritores pintores, criadores fazem parte de uma raça maldita! Ah! Como odeio essa gente! (*Furioso*) Acordem meu médico, o professor di Vigo! Já! Imediatamente! Quero que Miguel Ângelo seja capado agora!

Camilo vai saindo.

PAPA JULIUS II

Não! Pára! (*Camilo pára*) Amanhã de manhã. Vai ser melhor assim. Vou mandar esquartejar Miguel Ângelo de cima a baixo e não vai sobrar um pedacinho de carne para contar a história deste alucinado!

CAMILO

E a capela, Santidade!?! Como é que vai ficar? Inacabada? A mais perfeita visão de Deus ficará pela metade?

Silêncio.

O Papa Julius II fica imóvel e pensativo.

Escuta-se uma tosse por duas vezes.

Tomás levanta sua lamparina.

TOMÁS

Olha ali! Lá em cima! Acho que é ele! É ele sim!

Vemos a silhueta de Miguel Ângelo.

Tomás corre e alça sua lamparina na direção de Miguel Ângelo.

TOMÁS

Ah, Miguel Ângelo! Desce daí, desgraçado! O santo Padre já decretou que você vai padecer no fogo do inferno para sempre! Desce, sem-vergonha! Vem conhecer sua maldita sentença! Desce!

Papa Julius II subitamente se apresenta ao lado de Tomás.

PAPA JULIUS II

Tomás! Cala! Fecha a boca e trinca os dentes!... Ou prefere que mande costurar sua língua?

PAPA JULIUS II

(Para Miguel, sedutor)... Miguel... meu querido Miguel... está tudo uma beleza... Que cores! Imagens! Nunca vi tanta imaginação, uma beleza!... maravilha de pintura! De onde tirou essas figuras?...? mas eu fiquei muito apreensivo *(Pausa)* Pela sua saúde, Miguel! Largou sua capa esparramada no chão e foi dormir aí em cima, sem abrigo... Uma imprudência... É a umidade... Tenha mais cuidado com o frio... Boa-noite! E durma com os anjos.

Tomás e Camilo, perplexos, acompanham o movimento inicial de saída do Papa.

Subitamente o Papa pára e se guia na direção de Miguel Ângelo, Miguel Ângelo caminha pelo praticável, embaixo o Papa fala e segue, como pode, os passos dele. Tomás e Camilo acompanham o Papa.

PAPA JULIUS II

(Seu discurso caminha do carinhoso, doce e sutil ao autoritário) Ah, Miguel!... Deus! Como ando esquecido!... Filho, tenha um pouco mais de cuidado na proporção das genitálias... Isto é só uma observação... Não é uma censura, nem muito menos uma crítica... É uma nota, algo inconveniente, concordo... Mas inevitável!... Os seres humanos são, em geral, hipócritas!... É uma triste verdade, Miguel! O que se pode fazer?... No confessionário nos contam barbaridades, mas em público, são uns pudicos... se escutam um palavrão, ficam corados, pois não reconhecem no chulo a crua realidade... se vêem, por exemplo, um simples pentelho, ressuscitam de súbito uma pornografia inexistente e são capazes de desfalecer em torpe síncope moral... Ah, a hipocrisia!...

Cuidado, filho!... Não quero que te acusem de herético e pernicioso... Reconheço que, para um artista, nada que é humano lhe pareça estranho... Mas para essa gente, não é assim!... Por isto, filho, te rogo... Mais atenção na pintura dos corpos!... Por exemplo, os orifícios anatômicos das senhoras, obra divina de rara destreza... Pois cubra os buraquinhos todos com folhinhas de parreira... E... quanto aos ... aos... ditos cujos... os pênis!... Faça-os dormidos, diminutos e incapazes de grandes proezas!... Bem, é tudo... Algo mais?... Ah, sim! E que não me apareça nenhum penduricalho de judeu balançando pelo teto... estamos entendidos?

O Papa Julius II se vai. Camilo e Tomás o acompanham.

CAMILO

Mas, Santidade, Jesus Cristo era judeu!...

PAPA JULIUS II

Não interessa! Acho feio aquela ponta beijuda sempre para fora... Me dá arrepios.

Todos desaparecem.

Cai a luz, à exceção do rigoroso foco sobre a capa verde-esmeralda esparramada no chão.

CENA 18 - O ÊXTASE DAS FLORES

DIA NO PARAÍSO

PARAÍSO DIA

Luz sobre Monsenhor Felipo, que, agarrado pelas duas aborígenes-querubins, olha extasiado para baixo. O resto do praticável já está em penumbra.

MONSENHOR FELIPO

Ah! Um lago... Será a fonte da vida!? É isto! Claro! É para lá que elas querem me levar.

Felipo, puxado pelas duas aborígenes-querubins, caminha até uma das escadas laterais do praticável e começa a descer.

Felipo fala enquanto desce.

MONSENHOR FELIPO

Me desculpem! Perdão!... Claro... A árvore do Bem e do Mal está ligada ao caudaloso rio... Como pude me esquecer da geografia do horto do Senhor, se sou professor desta matéria? Sim! Vamos! (Pausa)Ó, Senhor! Rogo humildemente a seja agora que me permita entender a razão porque o Paraíso Terrestre abriu suas grandiosas portas para a humanidade...

Miguel Ângelo e seu assistente, em seu trabalho de pintura e decoração do teto da Capela Sistina, joga um tecido azul sobre a aborígine que desce. Ela arranca suas penas e se deixa envolver parcialmente pelo tecido, ficando estática e imobilizada na metade da escada. Ela é a quinta figura capturada.¹

Luz da escada se apaga.

Felipo e a única aborígine-querubim que sobrou, chegam ao solo e se agacham junto à borda da capa verde-esmeralda.

No chão também estão espalhadas as penas atiradas pelas “pinturas” de Miguel Ângelo.

MONSENHOR FELIPO

Água! Que verde mais intenso! Profundo!... Nunca vi água mais cristalina e límpida...

A aborígine-querubim se aproxima vagarosamente de Felipo e começa a tocá-lo e apalpá-lo.

MONSENHOR FELIPO

Sugere a visão do infinito!... Querubim?! E estas penas aqui, o que significam?

A aborígine-querubim começa a despir Felipo que continua distraído em suas teorias e descobertas.

MONSENHOR FELIPO

Ah! Entendo! Sim! Quer que me banhe, é isto? (Pausa) Descobri! As penas, o lago, tudo! É aqui que os anjos fazem a muda de suas penas e se refrescam na água eterna... A fonte da vida! Não é assim,

Querubim? (*Pausa*) Querubim, não sou anjo!... Entende! Não posso me banhar nestas águas...

A aborígine-querubim começa a beijar o corpo semi-despido de Felipo.

MONSENHOR FELIPO

Por favor, me escute! Pára! (*Gesticulando com as mãos e os braços*)
Onde está a Árvore do Bem e do Mal?... A árvore, muito grande, com os frutos malignos... A árvore do Pecado Original!

A aborígine-querubim, bem devagar, vai empurrando Felipo até fazê-lo deitar-se.

MONSENHOR FELIPO

Se minha teoria estiver correta, ficará explicado porque as portas do Paraíso se abriram para mim e, por conseguinte, para toda a humanidade!

A aborígine-querubim alisa o corpo de Felipo com crescente sensualidade.

MONSENHOR FELIPO

(*Respirando cada vez mais profundamente*) Supondo que a árvore não produza mais o fruto que ocasionou o castigo de Adão... Sim, em teoria, a árvore poderia estar morta... Ou em flor! Sim! Em flor! E este sim seria o sinal do perdão divino!... Um sinal sutil, suave, secreto... É certo... Mas significativo o suficiente para provar que Deus nos libertou de todas as culpas, dos males, das dores e do pecado...

A aborígine-querubim monta sobre as pernas de Felipo. Porém com este movimento leva junto parte de sua roupa que estava no solo e, assim, fica totalmente encoberta a vagarosa aproximação que ela faz das pubis.

MONSENHOR FELIPO

(Já arfando) Querubim... Entenda... A árvore... em flor... muda para sempre todo o trajeto do Universo...

A aborígine-querubim aponta para o local onde estava a cruz de madeira negra.

Luz intensa sobre a cruz negra que se apresenta decorada e coberta de belíssimas e numerosas flores de cor branca. Esta imagem deve ser sublime e radiosa.

Felipo gira seu pescoço e vê a árvore.

MONSENHOR FELIPO

(Dá um grito) Ah! Sublime revelação!

Concomitantemente, a aborígine-querubim, sempre conduzindo o ato sexual em crescente sensualidade e prazerosa agitação, se deixa introduzir por Felipo.

MONSENHOR FELIPO

(Orgástico) Ah! Flor!... Em flor! Enfim, todos estão livres do juízo final... Do fim apocalíptico... Do pecado... Flor!... A flor!... Entendo... Como... Porque... Abriram-se as ... Portas do Paraíso... do infinito prazer! *(Alto)* Querubim!

Felipo goza em êxtase.

Cai a luz..

1 Todas as figuras capturadas pela imaginação e arte de Miguel Ângelo, através dos tecidos coloridos, devem se manter estáticas esboçando um gesto ou atitude corporal pois este é o estilo do referido pintor.

Seus corpos devem ser belos, seminus, exibindo atitudes e posições das cinco mais importantes figuras pinta das no teto da capela (a escolher), sobre os temas “o Nascimento do Homem” e “o Paraíso Terrestre”.

CENA 19 - O DIA QUE NUNCA AMANHECEU

NOITE NA CAPELA SISTINA

VATICANO NOITE

Silêncio.

Luz sobre Miguel Ângelo que, acompanhado se seu assistente, desce por uma das escadas laterais do praticável, caminha até sua capa verde-esmeralda e, se abaixando rapidamente, recolhe a capa.

Depois de sacudi-la, se veste com a capa e se cobre com o capuz. Ato contínuo, eles caminham como se fossem sair de cena quando escutam o sininho que toca por duas vezes. Eles param.

Luz sobre o Papa Julius II sentado em sua cadeira com o sininho da Abadessa nas mãos. Ao seu lado vemos Tomás, Camilo e a Abadessa.

PAPA JULIUS II

(Ri, feliz) Ah!... Imaginaram que fosse a Abadessa com o sininho?!

(Toca o sininho)... Se imaginaram... Sou eu!...

Miguel Ângelo e o assistente se giram em direção ao Papa e depois se ajoelham.

O Papa devolve o sininho à Abadessa.

PAPA JULIUS II

Miguel... meu querido Miguel... Onde pensa que vai?... Até agora não entendi muito bem como sua cabeça funciona... Por acaso está fugindo de mim?

CAMILO

Se me permite, Santidade... Os artistas por vezes ficam muito aflitos e assustados no momento de apresentarem suas obras...

PAPA JULIUS II

Tolice! É uma grande ocasião... *(Para Miguel Ângelo)*... Não é, filho?... Como ficou combinado, estamos todos aqui reunidos esperando que o sol entre pela capela adentro e revele em detalhe o esplendor dos afrescos... Quero que seja assim como um despertar...

TOMÁS

... único e maravilhoso!

PAPA JULIUS II

Posso perfeitamente terminar minhas frases, Tomás... Único e maravilhoso... Sim... Isso... Por fim a humanidade admirada poderá vislumbrar “o Paraíso”... E o instante sublime da “Criação do Homem”... E tudo aqui na minha capela!... *(Para Miguel Ângelo)* Sente-se, Miguel.

Miguel Ângelo e seu assistente se sentam em dois banquinhos.

ABADESSA

Santidade, ousei providenciar uma surpresa...

PAPA JULIUS II

Que espécie de surpresa, Abadessa?

ABADESSA

Um cântico para acompanhar a apresentação das pinturas, Santidade...
Para elevar ainda mais as nossas almas frente a visão do Paraíso.

PAPA JULIUS II

Muito bem pensado, Abadessa... Que assim se cumpra.

A Abadessa toca o sininho.

Escuta-se, em off, o canto de Francisco — trata-se de mais uma parte das Bachianas Brasileiras n.º 5/ Ária (Cantilena), Adágio/ de Heitor Villa-Lobos.

Luz em foco sobre Francisco que canta inteiramente coberto por um véu branco e semitransparente.

Uma parte do praticável começa a se iluminar lentamente. Desta vez, porém, a iluminação se faz por dentro do praticável, o que deve ser novo, bonito e inesperado.

Vê-se a figura de uma mulher (provavelmente a da escada), enrolada parcialmente no tecido acetinado e estática, numa posição de quem está colhendo um fruto. Traz uma maçã na mão e expressa certa volúpia em seu semblante.

Todos ficam admirados, à exceção do Papa Julius II, pensativo, de Miguel Ângelo, de cabeça baixa, e da Abadessa, feliz. Oh! Os raios de sol... Está amanhecendo...

TOMÁS

Eva!... É ela! No momento do pecado original. Eva! Que beleza!

CAMILO

É mais que uma pintura... É quase uma presença...

PAPA JULIUS II

Este canto... A voz não me é estranha... Abadessa! (*Entre dentes*)
Abadessa!...

O Papa se levanta, furioso.

PAPA JULIUS II

(*Alto*) Pára! Pára tudo! Imediatamente! Cerrem as cortinas que não quero ver mais nada! As cortinas!

Francisco pára de cantar.

Luz no interior do praticável apaga-se, devagar.

Papa Julius II caminha depressa e se coloca junto a Francisco.

PAPA JULIUS II

Que surpresa de mau gosto! (*Pausa*) Francisco, o castrado, está de volta!... Onde está o seu tio?... Anda, responde!... (*Chama*)
Monsenhor Felipo! Felipo! Sei que está por aí! Felipo!

Papa Julius II arranca com fúria o véu que cobre Francisco. Todos ficam perplexos.

Francisco se apresenta todo tingido de azul e usando penas, como se fosse um aborígine-querubim.

Silêncio.

PAPA JULIUS II

(Atônito) Azul!... Este menino está todo azul... Coberto de penas...

Entra Monsenhor Felipo. Veste batina branca e esconde algo em uma das mãos atrás das costas.

Murmúrios gerais.

MONSENHOR FELIPO

Francisco não é mais um menino, Santidade! Os querubins adotaram Francisco... Por isso pintaram seu corpo de azul e o adornaram com penas!

PAPA JULIUS II

(Dá uma gargalhada) Azul?... Querubim?... Será que ele voa, também?

MONSENHOR FELIPO

Estive no Paraíso Terrestre, Santidade! Classifiquei os anjos e vi Árvore do Bem e do Mal (*mostrando o anel*) Vê? O anel papal! Com ele atravessei o Portal das terras Incógnitas e descobri o Horto de Deus!

PAPA JULIUS II

Ah, é?! E eu pensando que o ilustre Monsenhor iria me trazer uma nova teoria da Cristandade!... Alguma sinistra revelação que ameaçaria meu papado!... Que bobagem...

CAMILO

Um novo credo!

TOMÁS

Um pacto com o Demo!

PAPA JULIUS II

Basta! *(Ri com prazer)* Que ridículo... Um Monsenhor da Igreja se apresenta ao Papa depois da “grande descoberta”... Com seu sobrinho sodomizado por todos os lados e pintadinho de azul... Ora! Era o que faltava!

MONSENHOR FELIPO

Os querubins foram extremamente carinhosos com Francisco,

PAPA JULIUS II

Não tenho dúvidas! O menino está até com peitinho!

MONSENHOR FELIPO

(Alto) Vossa Santidade se defende com o sarcasmo e o mais cínico humor, porque sabe perfeitamente todas as conseqüências da minha descoberta!

PAPA JULIUS II

(Alto) Que é uma farsa! *(Pausa)* O Paraíso está aqui nesta capela!
(Dando uma ordem) Abram as cortinas!

Luz no interior do praticável se acende agora sobre Adão e Eva (estáticos e belíssimos).

PAPA JULIUS II

Olhe, Monsenhor. E com bastante cuidado!... A arte em sua mais rigorosa expressão!... (*Pausa*) Uma geração de homens passará, depois outra e mais outra... Enfim, todas as futuras gerações por aqui passarão... Sempre submetidas a um inesquecível estado anímico... Incapaz de ser definido, pois conjuga, num único instante, a emoção estética ao mais elevado sentido místico! (*Pausa*) E isto é Deus!... Merda!

Silêncio.

MONSENHOR FELIPO

É um belo Paraíso, Santidade... Mas, de mentira! Não vale nada! É só uma ostentação do seu pontificado!... O meu, não! O meu Paraíso é real! Está vivo! E qualquer um pode lá chegar!

Monsenhor Felipo retira sua mão das costas e mostra um buquê de flores brancas, iguais as que ornamentavam a “Árvore do Bem e do Mal”.

MONSENHOR FELIPO

A Árvore do Bem e do Mal não dá mais frutos, Santidade. (Apenas flores) Está em flor... Toque essas pétalas! São verdadeiras!... O pecado original se acabou para sempre! Não há mais pecado, nem culpa!... Nem vai haver Juízo Final ... Toda a humanidade está libertada!

PAPA JULIUS II

Ah! Eram justamente estas palavras que eu temia... A tal teoria capaz de mudar o sentido da História do Homem, da Igreja...

MONSENHOR FELIPO

Com a descoberta do Paraíso, a História do Homem acabou de perder o sentido, Santidade... Se é que tem ou teve alguma vez a História algum sentido... Porque no Paraíso só existe amor, prazer e êxtase!... Sem conflitos, guerras ou poderes!... Não existe propriedade! Nem posses! Nem trabalho! Nem limites!

PAPA JULIUS II

É a pura barbárie! Esse seu Paraíso é o fim do mundo! Quem, pelo amor de Deus, acredita que o homem algum dia esteja preparado para viver uma utopia? É simplesmente impossível! Sem limites, o homem perderá o controle de si mesmo e destruirá tudo ao seu redor!

MONSENHOR FELIPO

Pois o Criador acabou com os limites e abriu as Portas do Paraíso! E, escutem todos, nos convidou a entrar!

PAPA JULIUS II

Delira! Monsenhor Felipo está delirando! Daqui a pouco vai nos explicar o que fazia Deus antes de criar o homem!

TOMÁS

Monsenhor Felipo, por favor, nos conte mais um pouco sobre o Paraíso
...

PAPA JULIUS II

Cala! Monsenhor Felipo está, a partir de agora, proibido de falar! É uma ordem papal!

Todos embevecidos olham para Felipo e esquecem do Papa.

MONSENHOR FELIPO

No Paraíso não existe anarquia... As ordens papais são dispensáveis, pois tudo emana de Deus através da generosidade da Natureza. Não se planta, não é necessário cultivar... Só existe o trabalho de colher os alimentos.

A Abadessa começa a rir.

Papa Julius II leva as mãos à cabeça.

PAPA JULIUS II

Cerrem as cortinas... Não !... Deixem entrar uma fresta de luz.

CAMILO

Ah! E como se chega lá, Monsenhor?

O assistente de Miguel Ângelo se aproxima de Francisco e começa a tocá-lo com alguma sensualidade.

Tomás se aproxima com cuidado das flores que Felipo tem nas mãos e se ajoelha.

TOMÁS

Ah! Que beleza... Estas flores são milagrosas?

ABADESSA

Quem perdoa os pecados no Paraíso?

MONSENHOR FELIPO

Já disse: não há pecado no Paraíso: só perdão.

Papa Julius II, completamente fora de si, aproxima-se das figuras iluminadas.

PAPA JULIUS II

Só perdão... Que infantilidade... Felipo confunde justiça com impunidade. O Paraíso Terrestre será a terra da impunidade?... Não pode ser...

MONSENHOR FELIPO

Vou viver lá... no Paraíso... Junto com os anjos!

A Abadessa sai rodopiando.

ABADESSA

Como são os serafins?

CAMILO

Como são as querubins fêmeas?

MONSENHOR FELIPO

Belíssimas... Não existe o rosto do Mal... Não há castidade, Camilo.

TOMÁS

Não tem castidade!... Os anjos se amam! Até os anjos se amam!

O Papa Julius II se ajoelha frente as figuras de Miguel Ângelo.

PAPA JULIUS II

Miguel... meu querido Miguel... Falta ainda pintar... O afresco do Juízo Final.

Todos riem.

Miguel Ângelo sai.

ABADESSA

Mas para quê? Para que, Santidade? Se todos nós vamos para o Paraíso, para que necessitamos do Juízo Final?

PAPA JULIUS II

Felipo descreve todas as benesses e maravilhas do Paraíso... E eu me pergunto sobre a morte... Também se morre no Paraíso?...

Silêncio.

PAPA JULIUS II

O Paraíso sobre a terra é uma ilusão tão estúpida quanto a sensação de que a morte pode ser vencida.

TOMÁS

Felipo não viu a morte no Paraíso, só vida e prazer!

PAPA JULIUS II

Se Monsenhor Felipo não viu a morte no Paraíso é porque lhe faltou visão... Mas não se preocupem, vou descobrir um modo de mandar a morte até lá.

Cai a luz.

CENA 20 - INSTANTES DE HORROR E CARNAVAL

NAS DEPENDÊNCIAS DO VATICANO

VATICANO DIA

Luz sobre Papa Julius II que, no proscênio, deita-se num pequeno divã.

Papa Julius II tem nas mãos uma pequena bandeja de onde retira as compressas de panos atalhados e brancos, (as mesmas do Papa Pio III), e vai cobrindo o seu rosto e pescoço com elas.

Escuta-se as batidas de um tambor, algo ritmadas e ligeiramente carnavalescas.

Enquanto, lentamente, Papa Julius II se tapa (como se fosse Pio III), pelo palco afora e em diferentes lugares, se apresentam as seguintes “visões” ou “instantes de cenas”.

A Abadessa rodopia feliz, com seu hábito aberto e atira ao ar várias penas coloridas. Leva no cabelo uma flor do Paraíso.

O assistente de Miguel Ângelo corre atrás de Francisco, ainda pintado de azul e “aos gritinhos”. Brincam de “esconde-esconde” embaixo do praticável.

Tomás, de batina toda aberta, usando uma máscara de carnaval com feições de porco, segura uma taça de vinho enquanto caminha bêbado e sem direção.

Camilo come com prazer algumas pétalas da flor da Árvore do Bem e do Mal. Depois, beija os pés da Abadessa.

O tambor, sempre ritmado e em crescendo, chega ao máximo e, de súbito, pára.

A luz se concentra no Papa Julius II e as “visões” desaparecem. Papa Julius II tem o rosto todo tapado, à exceção da boca. Está cansado, abatido e deprimido.

PAPA JULIUS II

(Geme)... Agora entendo... As dores de cabeça de Pio III... É um tambor... Batendo dentro da cabeça... Um tambor... Miserável...

O homem de capa azul, o Navegador, se apresenta aos pés do divã do Papa... Traz nas mãos a caixa dos pergaminhos. Silêncio.

O Navegador abre a caixa e produz um ruído.

PAPA JULIUS II

Hmm! (Geme) Quem está aí?... Não quero que me vejam assim... acabado... Vai embora! Perde seu tempo... Aproveita... O mundo delira... O Vaticano virou uma grande orgia... Roma está em festa... É Carnaval! (Geme)... Não há mais pecado, sabia?... Eles estão se preparando... Todos! Vão viver no Paraíso... Quem está aí?... Vai embora... (Geme).

Silêncio.

NAVEGADOR

Nobili genere natus!

Papa Julius II retira as compressas dos olhos e vê o Navegador.

PAPA JULIUS II

Ah! O Navegador está de volta... Carregando sua frase predileta!

O Navegador se ajoelha e mostra a caixa ao Papa.

NAVEGADOR

Santidade, trago uma mensagem do novo Rei de Portugal...
Desempregado. Manuel, o Venturoso.

Papa Julius II se senta.

PAPA JULIUS II

(Geme) Diga ao seu rei que tudo perdeu o sentido... Até as palavras são inúteis... Dizem que os anjos lêem os pensamentos.

O Navegador mete a mão na caixa, retira um pergaminho e entrega ao Papa.

PAPA JULIUS II

É tão imperioso assim que eu leia esta mensagem?... Já disse: tudo perdeu importância.

NAVEGADOR

Terras Brasilis!

PAPA JULIUS II

(Geme) Ah! Outro latido em latim!... Terras Brasilis!... Será para beliscar minha curiosidade, Navegador?... Claro que sim...

Papa Julius II abre o pergaminho e começa a ler, em voz baixa e, pouco a pouco, vai se entusiasmando com a leitura. Põe-se de pé, começa a rir de satisfação e alegria.

PAPA JULIUS II

Ah! Terra Brasilis! Que maravilha! Encontrei a solução! Que carta bendita! *(Pausa)* Navegador! Vou destruir o Paraíso!

Neste instante escuta-se um grito de pavor e seguem-se imagens desconcertantes e horripilantes.

Luz sobre o assistente de Miguel Ângelo que tem o rosto e dorso todo coberto de pústulas, manchas vermelhas e sanguíneas.

Outro grito. Luz sobre a Abadessa que segura seu hábito na altura da genitália, onde vemos uma mancha de sangue. Seu rosto também está marcado com pústulas brancas e avermelhadas.

Um gemido. Luz sobre Camilo que, segurando o cabo de um espelho, observa, aterrorizado, as manchas em seu rosto e os olhos envoltos em pus.

Francisco saltita e rodopia, rindo pelo praticável entre as pinturas de Miguel Ângelo.

ABADESSA

Sangue! É a praga! Lepra! A lepra!

CAMILO

Pus! A peste!... Peste! Santidade! Jesus! Nos proteja!... Pelo amor de Deus!

Cai a luz. À exceção de Francisco, no praticável.

CENA 21 - VINGANÇAS SUBMERSAS EM AZUL

NA CAPELA SISTINA

VATICANO NOITE

Francisco, segurando uma lamparina, saltita feliz no praticável por entre as “pinturas” de Miguel Ângelo. Cantarola, risonho. Continua todo pintado de azul.

Entra Monsenhor Felipo, que, embaixo do praticável, discute com o sobrinho.

MONSENHOR FELIPO

Desça daí! Francisco! Desce dos andaimes! Imediatamente!

Entra o Papa Julius II, acompanhado de Tomás que ainda usa a máscara com feições de porco.

PAPA JULIUS II

Menino!... Querubim!?!... Cuidado com as pinturas!... E cuidado também para não cair daí, “filho”.

Francisco pára de cantarolar e saltitar.

Silêncio.

MONSENHOR FELIPO

Santidade... Parece que as minhas revelações sobre o Paraíso desencadearam uma alegria frenética em todo mundo.

PAPA JULIUS II

E não era isso o que esperava, Monsenhor?... Afinal, existe uma “nova ordem” sobre a terra... “Todos ao Paraíso!” (*Pausa*) Ou será que me engano?

MONSENHOR FELIPO

Não há mais retorno possível! (*Pausa*) Como bem disse Vossa Santidade, existe uma “nova ordem divina” e todo o resto se acabou... A História, as ideologias, os cultos inúteis, os poderes temporais, as pragas, as doenças! Agora tudo emana do Paraíso!

PAPA JULIUS II

(*Cínico*) Temo que vá faltar Paraíso para muita gente, Monsenhor...

Francisco dá umas risadinhas.

MONSENHOR FELIPO

Francisco, desce daí! Pára de rir! (*Pausa*) Perdão, Santidade, meu sobrinho está muito entusiasmado com o nosso retorno definitivo ao Paraíso.

PAPA JULIUS II

(*Cínico*) Ah, é?! E a nova peste que apareceu no Vaticano?... Monsenhor não tem medo de levar esta praga para os querubins?

MONSENHOR FELIPO

(Sorrindo) Os anjos não têm doenças, Santidade! Além do mais, todo humano que chega enfermo ao para é miraculosamente curado.

PAPA JULIUS II

Ah, é? Não me diga!?!...

Silêncio.

PAPA JULIUS II

(Enérgico) Tomás! Leia para o Monsenhor o relatório sobre a “nova peste” escrito pelo meu médico, o dr. Giovanni di Vigo!

Tomás abre um pergaminho e começa a ler.

PAPA JULIUS II

Tira esta máscara idiota e leia só os pontos mais importantes!

TOMÁS

(Retira a máscara) Perdão, Santidade!... Aqui está... *(Lendo)*... Sim! Essa doença é contagiosa, especialmente quando apanhada através da cópula de um homem com uma mulher, ou de um homem com um homem...

PAPA JULIUS II

Adiante, Tomás.

TOMÁS

(Lendo) É uma enfermidade nova e desconhecida... Começou infectando os religiosos do Vaticano, daí o povo chamá-la “doença dos religiosos”... E, estranhamente, seu início coincidiu com a chegada do

Monsenhor do Paraíso...

PAPA JULIUS II

Curiosa e lasciva origem...

TOMÁS

(Lendo)... Bolhas de aparência horrível, lesões erosivas, copiosas e sanguinolentas nas partes pudendas... Pústulas pelo corpo!

PAPA JULIUS II

Não leia as descrições, Tomás! Salta! Pula esta parte... Vai para o final.

TOMÁS

(Lendo)... Ah! Aqui... Deste modo eu, Doutor Giovanni di Vigo, na competência dos meus direitos, batizo esta praga maligna com o nome de sífilis!

Felipo arranca o pergaminho das mãos de Tomás.

Tomás sai.

MONSENHOR FELIPO

Sífilis!? Este relatório é mentiroso! Foi inventado por Di Vigo para me difamar e destruir o conceito do Santo Horto do Senhor!

Francisco dá uma risadinha.

FRANCISCO

É verdade, tio...

PAPA JULIUS II

O que é verdade, meu filho?

MONSENHOR FELIPO

Cala a boca, Francisco!

FRANCISCO

São pústulas, Santidade... Os serafins, querubins, os arcanjos e os anjos têm estas coisas espalhadas pelo sexo e nas pernas...

MONSENHOR FELIPO

Ele sonha. Não vi nada disto!

FRANCISCO

O tio não reparou, porque só dormia com as querubins-fêmeas... Porque os anjos-machos com quem estive tinham estas manchas... E acho que eles pintam o corpo para esconder as feridas.

PAPA JULIUS II

Ah! É obvio! Claríssimo!... Que maravilha! Se besuntam para poder esconder as pústulas! (*Pausa*) Os anjos?!

MONSENHOR FELIPO

O Paraíso é um outro mundo, Santidade! O que é a doença para nós, pode perfeitamente ter outro significado para os seres celestiais!

PAPA JULIUS II

Qual significado? Me diga? Qual? (*Pausa*) que Paraíso é este em que os anjos são portadores de uma macabra enfermidade contra a humanidade?... Serão anjos mesmo? Ou demônios?! Talvez o Monsenhor tenha descoberto o Inferno!... Quem será capaz de me responder?... (*Pausa, para Francisco*)... Francisco, meu ingênuo querubim, seu tio descobriu o que, afinal?

Silêncio.

FRANCISCO

Meu tio... Não sei... Mas descobri uma coisa...

PAPA JULIUS II

Descobriu o quê, filho?

FRANCISCO

Que o seu papado será marcado pela chegada dessa tal sífilis!...

Silêncio. Todos perplexos.

FRANCISCO

Por que acha que eu tenho o corpo todo pintado? (*Ri*) Foi muito fácil, Santidade... Dormi com o amigo do Senhor Miguel Ângelo, que se deitou com a Abadessa... Depois a Abadessa saiu com Frei Camilo, com meu tio... Tudo sem pecado, Santidade... Igualzinho ao Paraíso...

PAPA JULIUS II

Ah! Errei de inimigo! É o capado que se vingava de mim e quer destruir todo o meu reinado!

FRANCISCO

Papado de merda, Santidade!

Silêncio.

PAPA JULIUS II

Diabólicos, os dois! Nasceram para destruir a Igreja! (*Pausa*) Mas o infalível Espírito Santo me fez Papa! E com isso não contavam... Nenhum dos dois! Nem o visionário Monsenhor, nem o apocalíptico fedelho!

MONSENHOR FELIPO

Mesmo que nos mate, Santidade, as “Terras Incógnitas” continuarão sendo um eterno Paraíso!

PAPA JULIUS II

Ah, é?! Acredita? Acredita mesmo que pode me vencer?! Pois vou acabar com o seu Paraíso, pelo menos eles próximos quinhentos anos! (*Chamando*) Navegador! Que entre o Navegador!

Entra o Navegador vestindo sua capa azul, ajoelha-se e entrega um pergaminho ao Papa.

PAPA JULIUS II

Monsenhor! Parece que um nobre português, um tal de Pedro Cabral, descobriu um lugar... Bem do lado das “Terras Incógnitas”... Conta que a natureza lá é majestosa, coisa nunca vista... E que existe inclusive uma árvore, de nome Brasilis, que frutos não dá, só floresce, e cuja madeira é de excelente qualidade... Esta árvore me parece familiar... “Terra Brasilis”, é assim que se chama o lugar...

Papa Julius II caminha.

MONSENHOR FELIPO

“Terra Brasilis”? É o Paraíso! Eu não disse!? Lá é o Paraíso!

PAPA JULIUS II

Jamais, Monsenhor! Jamais permitirei a existência de um outro Paraíso que não seja o teto desta capela.

Papa Julius II volta-se para o Navegador.

PAPA JULIUS II

(Furioso e discursivo) Navegador! E esta é a minha mensagem para o Rei de Portugal!... *(Pausa)* Que, para a “Terra Brasilis” se embarque sementes! *(Pausa)* Sementes humanas! Gente! A pior corja do reino!... Coisa fácil de se encontrar em Portugal... Os súditos mais desgraçados, incapazes e miseráveis; os devassos, os violentos e os assassinos! Que se entregue aos nobres mais corruptos e injustos as rédeas do poder! Que a “Terra Brasilis” se transforme no reino da pilhagem e da impunidade!... Ficando estabelecido que esta gente e seus descendentes não tenham nenhum amor pela terra onde pisam e que não sobre nada, absolutamente nada, daquilo que poderia, deveria... ter sido um Paraíso!

Papa Julius II sai.

NAVEGADOR

Assim será cumprido, Santidade!

O Navegador se levanta.

Felipo se ajoelha.

MONSENHOR FELIPO

É o fim... Será uma perpétua destruição... De onde nasce tanta maldade, Senhor?

FRANCISCO

Da cuba dos castrados, tio.

Cai a luz.

CENA 22 - OS PRISIONEIRO DO PRESENTE

NA CAPELA SISTINA

VATICANO DIA

Escuta-se batidas secas de um tambor, algo ritmado e levemente carnavalesco.

Luz sobre Tomás. que entra com uma vara, em cuja ponta vemos um laço, tipo forca.

Tomás, embaixo do praticável, aponta a vara e o laço para Francisco. Francisco passa sua cabeça pelo laço e Tomás traciona a corda em seu pescoço.

Preso pelo pescoço, Francisco, sempre conduzido por Tomás, desce por uma das escadas laterais do praticável e é levado para um canto do palco.

Luz sobre Miguel Ângelo, sem a capa verde-esmeralda, que está tendo uma crise.

Debaixo do praticável, muito agitado, Miguel Ângelo se contorce, aflito, entre tecidos negros, lilases e cinzentos.

Paulatinamente, as batidas do tambor diminuem de intensidade e freqüência, até o silêncio.

Papa Julius II aproxima-se de Miguel Ângelo.

PAPA JULIUS II

Miguel... Chega! Pára!... Meu coração chora quando te vê neste estado, filho... Não se besunte mas tintas, pode ser perigoso ... *(Pausa)*
Senhor Miguel Ângelo! Eu lhe ordeno que acabe com esta crise de nervos imediatamente!

Miguel Ângelo fica instantaneamente calmo e estático.

PAPA JULIUS II

Muito bem... Assim está melhor... *(Acariciando a cabeça de ma)*... Miguel, olha, levanta a cabeça... Não adianta se desesperar... Aconteceu... o seu amigo tão querido se transformou numa cloaca de pústulas e chagas... E a culpa foi de quem? Quem trouxe a desgraça?... Filho, pense bem, só falta terminar a pintura do Juízo Final... Está tudo tão sublime!... É uma obra de arte, Miguel! E você não pode se deixar abater pela perda de seu efebo... Paciência! Vamos encontrar outro rapaz! Sem sífilis! Ou dois! Ou tres! Quantos você quiser! *(Pausa)*... Abram as janelas! As cortinas! Luz sobre o teto!

Então, do interior do praticável, as luzes se acendem, mostrando umas oito figuras humanas desnudas e envoltas em tecido, estáticas, que representam “A Criação do Homem” e o “Paraíso”.

A revelação do praticável em sua totalidade deve ocasionar impacto no público.

Papa Julius II, enquanto caminha, vai apontando para as pinturas.

PAPA JULIUS II

(Emocionado) Oh! A criação do homem... O Éden terrestre... Ah! É tudo tão magnífico... Perfeito... Sem palavras... A partir de agora e para todo o sempre será esta a visão que a humanidade terá do Paraíso.

Papa Julius II aproxima-se de Miguel Ângelo.

PAPA JULIUS II

Miguel... Me pergunto... Como é possível tanto talento?... De que parte de sua imaginação foram roubadas estas figuras?... Foram roubadas ou foram imaginadas?... Será a imaginação um roubo?... Que enigma, o ato de criar! (*Pausa*) ... Miguel!... O Juízo Final! Só falta o Juízo Final!

O fundo branco do palco ilumina-se e vemos a cruz negra solitária no centro.

PAPA JULIUS II

Olha! Tudo vazio! Só vemos a cruz.

Papa Julius II ajuda Miguel Ângelo a levantar-se.

PAPA JULIUS II

Vem! Vem! Pinta! A tenebrosa e macabra visão do final dos tempos. Do inferno... do esplendor do horror!... O Apocalipse!

Miguel Ângelo levanta-se agarrado aos tecidos negros, lilases e cinzentos.

Eles se dirigem para a cruz.

PAPA JULIUS II

Miguel... O mal se paga com o mal... Não há outra moeda de troca, filho... Assim pensei... Vou acabar com as crises criativas e nervosas de Miguel!... Em vez de você buscar ou roubar figuras de sua imaginação ou de qualquer outro lugar... Por que não utilizar uns

modelos vivos?. Será tão mais fácil, filho! Além do mais, eles merecem o castigo!...

Entram, por diferentes partes do palco, Monsenhor Felipo, a Abadessa (rosto em chagas) e o assistente de Miguel Ângelo (rosto e dorso em chagas) .

PAPA JULIUS II

Veja o que eles fizeram com seu assistente... Era um rapaz tão bonito... agora... um sífilítico!

Papa Julius II aproxima-se do Monsenhor Felipo e rasga sua batina. O peito de Felipo está cheio de púrpuras e manchas.

PAPA JULIUS II

Veja como ficou o corpo de um homem que acredita em utopias... Foi no que deu ter descoberto o Paraíso Brasil.

Papa Julius II aponta para os rostos da Abadessa e de Camilo.

PAPA JULIUS II

E aquilo ali é o rosto dos libertários.

Papa Julius II volta-se para Tomás, que traz Francisco quase enforcado na ponta da vara.

PAPA JULIUS II

Tomás! Aperte o garrote e faz esta coisa cantar... Miguel Ângelo vai completar a sua obra.

Tomás traciona a corda — Francisco começa a cantar, muito mal, triste, desafinado e patético, parte das Bachianas Brasileiras n.º 5. Miguel Ângelo lança um tecido sobre Camilo que se envolve nele e se posiciona estático e aterrorizado junto à cruz.

Inicia-se o processo de “pintura” do Juízo Final.

PAPA JULIUS II

Não tenha piedade, Miguel... O final dos tempos será marcado por doenças horríveis... E pelo massacre de todos aqueles que se rebelarem contra o poder estabelecido.

Miguel Ângelo lança um tecido sobre seu assistente que se coloca estático em outra posição no fundo branco.

PAPA JULIUS II

Monsenhor Felipo, sua sentença é se tornar prisioneiro do Juízo Final!... Um prisioneiro de presente. é isto! prisioneiro do presente... Ali, fixo, imóvel, estático, clamando a cada instante e para todo aquele que por aqui passar o significado do pânico do presente! *(Pausa)* E qual é a mensagem? vamos! repita a lição que o Doutor di Vigo te fez decorar! Vamos! A lição! O recado!

Miguel Ângelo atira um tecido sobre a Abadessa que também se torna uma das “figuras” da “pintura” do “Juízo Final”.

Francisco canta cada vez pior; é desolador.

Felipo começa a murmurar palavras inaudíveis.

PAPA JULIUS II

Não escuto nada! Está falando muito baixo... É este cantor que não me deixa escutar! (*Pausa*) Tomás, faz esta coisa parar de cantar!

Francisco pára de cantar, Tomás solta o laço, larga a vara e vai embora.

Miguel Ângelo atira um tecido sobre Francisco que retorna em outra aterrorizada e imóvel figura do Juízo Final...

PAPA JULIUS II

A lição! Repete a lição, Felipo! Qual é mesmo o prisioneiro do presente?

Felipo se emociona a cada fala.

MONSENHOR FELIPO

A terra jamais terá seu Papa Pio III...

PAPA JULIUS II

Muito bem! Adiante.

MONSENHOR FELIPO

Os milagres são feitos através da dor...

PAPA JULIUS II

Excelente!

MONSENHOR FELIPO

(Muito emocionado) ... Os querubins não são de cor azul... Os serafins não são avermelhados... Os anjos não possuem nenhum poder... São sonhadores, que muitas vezes causam o mal... São seres inúteis, criados

para distrair e divertir o Todo-Poderoso... São os artistas do céu...

PAPA JULIUS II

Exato... Sem nenhum poder... Os artistas do céu!...

Neste instante, Miguel Ângelo atira dois tecidos: o primeiro é agarrado por Felipo, que se contorce e caminha para junto da cruz, ficando estático. O segundo, envolve o Papa Julius II.

PAPA JULIUS II

Não! Não! Miguel! Não! O poder, não! O poder, não!

O Papa Julius II grita e berra de aflição enquanto se cobre com o tecido, por fim ficando estático, com uma expressão de terror no rosto. Silêncio.

Todos estáticos e iluminados.

Vemos no praticável a “pintura” da “Criação do Homem” e “O Paraíso”, e, junto à cruz, “O Juízo Final ” em grotescas imagens.

Miguel Ângelo, emocionado, e olhando fixamente para platéia, pega sua capa verde-esmeralda.

Depois caminha até o praticável.

Enquanto Miguel Ângelo efetua estas ações, o palco vai se apagando pouco a pouco.

Miguel Ângelo sobe alguns degraus de uma das escadas laterais do praticável e, chorando, se envolve em sua capa e aponta o dedo rispidamente em direção à platéia.

Miguel Ângelo se torna imóvel, se auto-captura e se transforma em uma das figuras do Paraíso.

Black-out

Fim da peça.

Num domingo a tarde, Barcelona,

28 de abril de 1996

DOC COMPARATO

CURRÍCULO DE DOC COMPARATO

O jornal espanhol *El País* assim o descreve:

“É um *expert* em dramaturgia, com a extraordinária qualidade de produzir e teorizar no mais difícil meio de comunicação de massa: a televisão. Se distinguiu ao por em prática conceitos pessoais e modernos que repercutem imediatamente no resultado final do produto audiovisual.

“O olhar agudo de Doc Comparato o converteu em um dos homens mais respeitados da Comunicação, contando com a vantagem de conhecer os pontos essenciais do telespectador como poucos o conseguiram.

“As oficinas, conferências e debates que propicia, deixam sempre nos participantes a necessidade de fazer uma melhor televisão no dia seguinte.

“É um dos mais importantes dramaturgos latino-americanos vivos.”

Doc Comparato:

É médico, dramaturgo, roteirista e escritor.

Nasceu em 3 de novembro, no Rio de Janeiro, Brasil, e foi fundador da Casa de Criação da Rede Globo. Seus trabalhos abrangem o teatro, o cinema e a televisão tanto no Brasil como no exterior. Sua carreira teve início no ano de 1978.

Possui sete prêmios internacionais, destacando-se a medalha de ouro do New York Films and Television Festival, e seu trabalho de coautoria numa minissérie com o prêmio Nobel Gabriel García Márquez. Também assinou as primeiras séries e minisséries da TV brasileira, que se tornaram clássicos.

Como didata e teórico em dramaturgia, escreveu o livro *Da Criação ao Roteiro*, pioneiro desta matéria em vários continentes. Seu último cargo universitário foi em 2004, em que foi professor de Roteiro da Escola de Cinema de Berlim.

Em teatro sua mais recente conquista foi a estreia de *Nostradamus* em Roma e o prêmio Ana Magnani. Acaba de escrever uma minissérie para a Polka Producciones em Buenos Aires. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

CINEMA

<i>EL CORAZON DE LA TERRA</i>	(ESPAÑA/MADRI) 2002
<i>PIEGE</i>	(PARIS/FRANÇA) 1993
<i>ENCONTROS IMPERFEITOS</i>	(LISBOA/PORTUGAL) 1990/1991
<i>O TRAPALHÃO NA ARCA DE NOÉ</i>	(BRASIL) 1985
<i>O CANGACEIRO TRAPALHÃO</i>	(BRASIL) 1985
<i>O BOM BURGUESES</i>	(BRASIL) 1983
<i>HOSPITAL BRASIL</i>	(BRASIL) 1982
<i>BONITINHA MAS ORDINÁRIA</i>	(BRASIL) 1982
<i>O BEIJO NO ASFALTO</i>	(BRASIL) 1982 – Direção: Bruno Barreto

TELEVISÃO (AUTOR)

<i>MULHER</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1998
<i>A JUSTICEIRA</i>	(SERIADO – TV GLOBO – BRASIL) – 1997/1998
<i>HOSPITAL</i>	(TV ANTENA – SPAIN) – 1997
<i>NA PAZ DOS ANJOS</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1996
<i>POBLE NOU</i>	(SCRIPT ADVISER – MINISERIAL CATALÃ TV) – 1996
<i>VISITA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1995
<i>ARNAU</i>	(MINISERIAL / SPAIN) – 1994
<i>VÉSPERA DE NATAL</i>	(TV R. T. P. / PORTUGUESE TV) – 1994
<i>FILOMENO, A MI PESAR</i>	(TV SERIAL / SPAIN TELEVISION) – 1993

<i>A BOCA DO DRAGÃO</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>PROCURA-SE</i>	(MINISERIAL – PORTUGUESE TV) – 1993
<i>RETRATO DE MULHER</i>	(TV SERIAL / PORTUGUESE TV) – 1990
<i>THE GAME OF BILLION</i>	(DOCUMENTARY / LONDON TV) – 1990
<i>DUAS HISTÓRIAS QUE O DIABO GOSTA</i>	(PORTUGUESE TV) – 1990
<i>LOCOS POR LA TELE</i>	(SCRIPT ADVISER / SPAIN TV) – 1990
<i>THE TEM GOLF CLUBS OF PORTUGAL</i>	(TV DOCUMENTARY) – 1990
<i>ME AQUILLO PARA SOÑAR</i>	(SPAIN TV) – 1990 (com Gabriel García Márquez)
<i>A. E. I. O. URCA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1990
<i>CAMINS</i>	(TV3 / CATALÃ – SPAIN TV) – 1989
<i>NAZCA</i>	(SPAIN TV) – 1988
<i>LONGSDORFF</i>	(SOVIETIC TV) – 1988
<i>A BOCA DO INFERNO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1987
<i>TIETA DO AGRESTE</i>	(RAI / ITALIAN TV) – 1986
<i>O TEMPO E O VENTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>DUAS DAMAS, UM VALETE E UM MORTO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1985
<i>O INSPETOR GERAL</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A VIDA SECRETA DE BERENICE</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A PATA DO MACACO</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>A DAMA DAS CAMÉLIAS</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1983
<i>MALU MULHER</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>LAMPIÃO E MARIA BONITA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>OS AMORES DE CASTRO ALVES</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1982
<i>PLANTÃO DE POLÍCIA</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1981
<i>E AGORA, MARCOS?</i>	(GLOBO TV / BRASIL) – 1979

TEATRO (AUTOR)

<i>NOSTRADAMUS</i>	(ROMA / ITÁLIA) 2003
<i>NO CÍRCULO DAS LUZES</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2002
<i>MIGUELANGELO</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 2001
<i>NOSTRADAMUS</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1999
<i>K. DANCE</i>	(PARIS / FRANÇA) 1989
<i>NOSTRADAMUS</i>	(SÃO PAULO / BRASIL) 1985/86
<i>A INCRÍVEL VIAGEM</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1984
<i>O BEIJO DA LOUCA</i>	(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1981

AS TIAS
O NOVÍSSIMO TESTAMENTO

(RIO DE JANEIRO / BRASIL) 1980
(SÃO PAULO / BRASIL) 1979

LITERATURA E DRAMATURGIA

SCRIVERE UM FILM
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONI
VON DER ENTDCKUN DES PARADIESES

(DINO AUDINO EDITORE, ITALY) 2002
(ROBIN EDIZIONI, ITALY) 2002
(ED. EICHBORN FRANKFURT, GERMANY)
2000

EL GUIÓN
EL GUIÓN
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
LA GUERRA DELLE IMMAGINAZIONES
A GUERRA DAS IMAGINAÇÕES
ME ALUGO PARA SONHAR

(2nd EDITION PLANETA, MÉXICO) 2000
(3rd EDITION FOR LATIN AMÉRICA) 1999
(ED. PLANETA, ARGENTINA) 1998
(ED. PLANETA, MÉXICO) 1998
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1998
(ED. PLANETA, SPAIN) 1998
(ED. ROCCO, BRASIL) 1997
(ED. CASA JORGE EDITORIAL, BRASIL)
1997

ME AQUILLO PARA SOÑAR
EL GUIÓN
ME AQUILLO PARA SOÑAR
DA CRIAÇÃO AO ROTEIRO
ARNAU, ELS DIES SECRETS
DA CRIAÇÃO AO GUIÃO
DE LA CREACIÓN AL GUIÓN

(OLLERO E RAMOS EDITORES, SPAIN) 1997
(OFIC. PUBL. DEL CBC, ARGENTINA) 1997
(ED. VOLUNTAD, COLOMBIA) 1995
(ED. ROCCO, BRASIL) 1995
(ED. PROA, SPAIN) 1994
(ED. PERGAMINHO, PORTUGAL) 1992
(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1988

TV AO VIVO DEPOIMENTOS
PADRE CÍCERO
ROTEIRO, ARTE DA TELEVISÃO
EL GUIÓ

(ED. BRASILIENSE, BRASIL) 1988
(ED. RECORD, BRASIL) 1984
(ED. NÓRDICA, BRASIL) 1983
(UNIVERSITAT AUTÓNOMA DE
BARCELONA, SPAIN) 1983

EL GUION

(INST. OFIC. RADIOTELEVISION
ESPAÑOLA, SPAIN) 1983

EL GUIÓN
AS TIAS: TRAGICOMÉDIA EM 2 ATOS
O MELHOR DA CRÔNICA BRASILEIRA 2
SANGUE, PAPÉIS E LÁGRIMAS

(GARAY EDICIONES, ARGENTINA) 1983
(ED. ACHIAMÉ, BRASIL) 1981
(ED. JOSÉ OLYMPIO, BRASIL) 1981
(ED. CODECRI, BRASIL) 1979

LIVROS INFANTIS

A INCRÍVEL VIAGEM
NADISTAS E TUDISTAS

(EBAL, BRASIL) 1984

(EBAL, BRASIL) 1984

PRÊMIOS NACIONAIS

Prêmio na Categoria Conto da mais prestigiosa instituição no Brasil em 1978 (Concurso de Contos do Paraná)

Prêmio de Serviço Nacional de Teatro (SNT 1979 e 1980)

Eleito pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) como o melhor autor de 1982.

PRÊMIOS INTERNACIONAIS

Prêmio de Melhor Filme no LALIFF 2007 – Los Angeles Latin International Film

Festival – Cinema – *El Corazón de la Tierra* – Inglaterra/Espanha (2007)

Prêmio “Ana Magnani” – Teatro – *Nostradamus* – Itália (2003)

Melhor Autor da Academia de Literatura Catalan – *Arnau* – Barcelona, Espanha (1995)

Coral Negro – Cuba – Melhor Minissérie e autor para *O Tempo e o Vento* (1986)

Prêmio da Crítica – TV Festival – Monte Carlo (1986)

Melhor Roteiro Original, Categ. Crianças e Adolescentes – Tomar Film Festival – Portugal (1985)

Festival de Televisão de Praga – Roteiro *Malu Mulher* – Regina Duarte, melhor atriz (1984)

Festival de Filmes e Televisão de Nova York, medalha de ouro, melhor roteiro original para minisséries. (1983) (TV Globo Production *Lampião e Maria Bonita*)

DE 1986 A DIANTE

Doc Comparato em 1986 foi fundador e coordenador do Departamento de Criação da TV Globo Network. Sua obra *Nostradamus* estreou em São Paulo e ficou em cartaz durante um ano.

Em 1987 trabalhou com Gabriel García Márquez (Prêmio Nobel) e escreveu a minissérie intitulada *Me Alugo para Sonhar* para a Productora International Network; e para a televisão soviética, a minissérie intitulada *O Homem que Descobriu o Paraíso* junto com o escritor russo Alexander Chlepianov.

Nos anos 1990 se mudou para a Europa onde escreveu para a TVE uma minissérie com Gonzalo Torrent Malvino, baseada no livro *best-seller* deste, intitulado *Fenomeno*; e *Arnau* para a televisão Catalan, a qual recebe o mais prestigioso prêmio de Barcelona, como melhor Autor da Academia de Literatura Catalan.

Logo em 1992 trabalhou em Portugal, na TV SIC e na TVI, como roteirista e cosultor criativo até 1994. Foi coordenador e fundador do máster em roteiros para televisão e cinema da Universidade Autônoma de

Barcelona. Também ocupou o mesmo cargo na Universidade Católica Portuguesa (PUC), e consultor do European Fund em Londres por cinco anos.

Em 1996 Doc retornou com sua família para o Brasil, onde retorna para Tv Globo. Escreve no Rio de Janeiro “A Guerra das Imaginações”, novela que foi editado no Brasil, Espanha, Portugal, Argentina, México, Itália e alcança a Alemanha em 2003.

De 2002 a 2003 viveu em Barcelona onde trabalhou como roteirista, além de ser diretor criativo da Prodigius Audiovisuais (TV-Movies Europeus) e também diretor da DEA (Augustini Planeta Corporation) para minisséries e grandes projetos audiovisuais europeus.

Em 2004 viveu na Alemanha onde foi professor da Escola de Cinema de Berlim e convidado de honra do Festival de Cinema (Urso de Prata – 2004).

Depois de escrever um filme em Belgrado, o roteirista volta ao Brasil e se torna consultor de criação de textos do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT – São Paulo / Brasil) onde desenvolveu um projeto intitulado *O Palácio* e um outro de telenovela.

Em 2005, viveu em Buenos Aires onde escreveu a minissérie *Talismanes* para Pol-ka Producciones. Trabalhou na Rede Record de televisão.

Em 2008, ministrou o curso “Personagem, dramaturgia y guión” na Escuela Internacional de Cine y TV – San Antonio de los Baños. Voltando ao Brasil, foi convidado pela *Academia*

Brasileira de Letras para ministrar o curso “Da Criação ao Roteiro”. Em outubro esteve em Medellin como conferencista para o XII Encontro Internacional de TV.

Em 2009, lança nova edição do livro “Da Criação ao Roteiro” pela editora Summus.

Em 2010, estréia sua peça “Lição Nº 18” que contou com sua filha, Bianca Comparato no papel principal (Teatro Poeira – Rio de Janeiro).

E ainda completou sua terceira trilogia teatral, chamada “Trilogia da Imaginação”, escrevendo as peças “Eterno” e “Jamais”. Textos inéditos.

Em 2012 recebe o Prêmio FyMTI (Festival Y Mercado de TV-Ficción Internacional), Buenos Aires, em Reconhecimento por sua trajetória e contribuição como autor de ficção em audiovisual.

Trabalhos específicos para a
Rede Globo



SERIADOS:

PLANTÃO DE POLÍCIA: (Criador e Autor)

22/06/1979 - CRIME DO VIDIGAL

06/07/1979 - VAMPIROS TROPICAIS

27/07/1979 - A VOZ DO ALÉM

24/08/1979 - VERMELHO 23

31/08/1979 - O ENIGMA DA PENSÃO DO RENO

28/09/1979 - BALÃO APAGADO

19/10/1979 - DESPEDIDA DE SOLTEIRO

30/04/1980 - O CAVALEIRO DO APOCALIPSE

28/05/1980 - NOS PORÕES DA LIBERDADE

25/06/1980 - O ARQUI-INIMIGO

09/07/1980 - O ACORDO

16/07/1980 - A DOCEIRA DE BANGU

01/10/1980 - O VENERÁVEL AZUL TURQUESA

15/10/1980 - PEGA

10/12/1980 - CAIXA DE SURPRESAS

17/12/1980 - CAMISA DE FORÇA

05/05/1981 - TREM NOTURNO

04/06/1981 - SANGUE, CALÇADA E MILK-SHAKE

11/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - I

18/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - II

25/06/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - III

03/07/1981 - O CAMINHO DAS ESTRELAS - IV

13/08/1981 - OLHO DA MORTE

03/09/1981 - O HERDEIRO

MALU MULHER: (Autor)

11/08/1980 - PARADA OBRIGATÓRIA

RETRATO DE MULHER: (Criador e Autor)

16/12/92 - ERA UMA VEZ...LEILA

18/05/93 - ERA UMA VEZ...MADALENA

A JUSTICEIRA: (Criador e Autor)

09/04/1997 - PREÇO DA VIDA

16/04/1997 - CINZAS NO PLANALTO

17/04/1997 - BALA NO TREM DE PRATA

23/04/1997 - O FILHO DA MADONA

30/04/1997 - O NAVIO LUMINOSO

07/05/1997 - VIAGEM AO INFERNO

14/05/1997 - ETERNOS DIAMANTES

21/05/1997 - MESMO QUE SEJA EU

28/05/1997 - FILHA ÚNICA

04/06/1997 - CRIADOR E CRIATURA

11/06/1997 - BALAS PERDIDAS

18/06/1997 - TREM DE PRATA

02/07/1997 - VIVER POR VIVER

MULHER: (Autor)

22/04/1998 - FATOR HUMANO

21/10/1998 - DE BRAÇOS ABERTOS

11/11/1998 - O NÉCTAR DA VIDA

13/04/1999 - VÍCIOS E VIRTUDES

01/06/1999 - PERFUME DO AMOR

27/07/1999 - LINDO MARAVILHOSO

07/09/1999 - A BELA ADORMECIDA

14/09/1999 - SABOTAGEM

09/11/1999 - O SEGREDO

MINISSÉRIES: (Autor e Criador)

26/04/1982 - LAMPIÃO E MARIA BONITA

10/01/1983 - BANDIDOS DA FALANGE

09/04/1984 - PADRE CÍCERO

22/04/1985 - O TEMPO E O VENTO

24/06/1990 - A,E,I,O...URCA

OUTROS TRABALHOS EM TELEVISÃO:

CASO ESPECIAL: (Autor)

10/05/1978 - E AGORA, MARCO?

02/01/1981 - OS AMORES DE CASTRO ALVES

QUARTA NOBRE: (Criador e Autor)

06/04/1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS

27/04/1983 - O INSPETOR GERAL

25/05/1983 - A PATA DO MACACO

08/06/1983 - DAMAS, VALETE E CRIME

31/08/1983 - MORTE NO PARAÍSO

05/10/1983 - A VIDA SECRETA DE BERENICE

26/10/1983 - DO OUTRO LADO DO TÚNEL

BRASIL 500 ANOS: (Autor)

02/07/1998 - BRASIL 500 ANOS

TRABALHOS COMO ATOR:

MINISSÉRIE

1984 - PADRE CÍCERO - (MACEDO)

1990 - A,E,I,O...URCA - (JUDEU JACOB)

1998 - LABIRINTO - (ELE MESMO)

TELENOVELA

1985 - A GATA COMEU - (ELE MESMO)

QUARTA NOBRE

1983 - A DAMA DAS CAMÉLIAS (GAROTO DA CLAQUETE)

*Ainda na Rede Globo, foi um dos criadores e fundadores da Casa de Criação da emissora nos anos 80.

OBRAS TEATRAIS DO AUTOR

TRILOGIA DO AMANHÃ©

(Peças escritas entre 1977 e 1982)

PLÊIADES ou Pequenas Cirurgias para Aracnídeos.

O BEIJO DA LOUCA© – (Prêmio Serviço Nacional do Teatro, Brasil, 1979)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS©.

TRILOGIA DO TEMPO©

(Peças escritas entre 1985 e 2000)

NOSTRADAMUS© (O prisioneiro do Futuro) – (Prêmio ANA MAGNANI/STAZIONE, Itália, 2003/2004)

MIGHELANGELOS© (O prisioneiro do Presente) – (Para a comemoração dos 500 anos de descoberta do Brasil, 2000)

O CÍRCULO DAS LUZES© (O prisioneiro do Passado)

TRILOGIA DA IMAGINAÇÃO©

(Peças e projetos a partir de 2000)

SEMPRE© (Ou, o Caso da Moça de Gargantilha ou na Intimidade das Coisas) – (Escrito em Barcelona, 2003)

JAMAIS© (Calabar, um elogio à traição Ou Na posse das coisas)
(Escrito em Barcelona, fevereiro de 2006)

ETERNO© (ou Xanadu, no limite da criatividade ou No inalcançável das coisas) – (Escrito em Copacabana, Julho de 2006).

OUTROS TEXTOS

A INCRIVEL VIAGEM© (Ou, O Inacreditável é Possível, o Impossível não é) – (1985 - Peça Infantil)

AS TIAS © com Aguinaldo Silva (1982)

LIÇÃO Nº 18© (1995/2004)

O DESPERTAR DOS DESATINADOS© (1987) (Revisto)

“A MISTERIOSA MORTE DO SUPREMO IMPERADOR DA CHINA e OUTRAS HISTÓRIAS” © (2011)